



caindono**br**asil

**UMA VIAGEM  
PELA DIVERSIDADE  
DA EDUCAÇÃO**

**CAIO DIB**

(VERSÃO DEMONSTRATIVA)

## “NO BRASIL TUDO É PLURAL”

Projeto de educação, com objetivos, metas e métricas, o Brasil nunca teve. Em século algum, ou contexto nenhum. Talvez o mais próximo disso tenha sido a agressiva e necessária universalização promovida do Ensino Básico nos anos 1990 e 2000. Mas o que acontece dentro da sala de aula, ou como são formados os docentes, foram sempre assuntos de disputas de cátedras universitárias, egos de pesquisadores ou territórios de partidos políticos. Enquanto nada parece tanger a sociedade, a preta de olhos verdes, ligeiramente puxados, cujo nariz aponta para África, a roupa para a Europa e o iPad para a América do Norte continua lá. Enigmática, deixou de ser apenas o “mito das raças tristes”. Explodiu em criatividade, conquistou o mundo e fincou a bandeira na economia criativa. Como chegou lá? Ninguém sabe ao certo; nem universidades, nem pesquisadores e tampouco partidos políticos.

O Brasil cresceu e, caindo nesse gigante, Caio Dib nos ajuda a montar o mosaico de experiências educacionais que nos faz compreender que não apenas a sorte leva alguns jovens oriundos da periferia das grandes cidades, da dureza do semiárido ou das comunidades quilombolas e ribeirinhas a conseguir, diante de tanto fracasso, um belo projeto de vida. São as experiências que encantaram o autor, reunidas neste livro, que podem servir de base para vários projetos para um país. Afinal, no Brasil tudo é plural.

ALEXANDRE LE VOCI SAYAD É JORNALISTA,  
EDUCADOR E DIRETOR DO MEL  
(MEDIA EDUCATION LAB)

“A odisseia de Caio Dib e seu mergulho nas experiências educacionais país afora são, em si, a comprovação das mudanças recentes que ocorreram no Brasil. Mas o material surpreendente que se revela nos dá a dimensão de quanto ainda está por ser explorado e do quanto podemos aprender por meio delas. Sem dúvida, um registro valioso.”

FERNANDO HADDAD FOI MINISTRO DA EDUCAÇÃO (2005-2011)  
E É PREFEITO DE SÃO PAULO (2013-2016).

“Na carreira de comunicação, aprendi que ir para campo conhecer seu público-alvo de perto faz toda a diferença. Em Educação, professor faz cara feia para pedagogo que nunca encarou uma classe. E esse livro é um atalho para você que, como eu, está num momento de vida difícil para sair em uma viagem insólita. Aqui tem muitas lições, provocações e ótimos exemplos para quem quiser ‘Cair no Brasil’. Uma aventura que concretiza o sonho da educação que funciona, um esboço do projeto que pode dar um futuro para o país do futuro”,

VICENTE CARRARI É GERENTE COMERCIAL DE PUBLICIDADE -  
SETOR DE EDUCAÇÃO - GOOGLE BRASIL

“Conhecer melhor como a rede de espaços educativos realiza sua missão em cada canto é muito importante para quem almeja realizar uma Educação de qualidade. A Educação pública melhorou muito nos últimos vinte anos; é justamente isso que constatou Caio Dib quando resolveu ‘cair’ no Brasil e tentar decifrar seus mistérios.”

MAURO DE SALLES AGUIAR  
É PRESIDENTE DO COLÉGIO BANDEIRANTES

PREFÁCIO DE RAFAEL PARENTE  
GUIA DO EDUCADOR CRIADO  
PELO INSTITUTO SINGULARIDADES

6	PREFÁCIO	136	OI KABUM! ESCOLA DE ARTE E TECNOLOGIA
10	INTRODUÇÃO	152	DESABAFO SOCIAL
32	ENSAIOS	164	VIVENDO E APRENDENDO
33	DE MARUJA A PIRATA	188	RE(VI)VENDO ÊXODOS
37	EDUC-AÇÃO	202	PDCIS
40	QUANDO SINTO QUE JÁ SEI	218	HISTÓRIAS DE VIDA
47	EXPEDIÇÃO LIBERDADE	222	DONA ALICE (ALAGOAS)
52	EDU ON TOUR	226	DONA MARIA (BAHIA)
57	INFÂNCIAS	230	SEU LUIZ (MINAS GERAIS)
64	MELHORES EXPERIÊNCIAS QUE CONHECI	234	DAYSE (MARANHÃO)
68	PRECE E EEP ALAN PINHO TABOSA	240	CONCLUSÃO
82	FUNDAÇÃO CASA GRANDE	248	REFERÊNCIAS
104	COLÉGIO OFICINA	262	DEPOIMENTOS
120	BAIRRO-ESCOLA RIO VERMELHO	264	GUIA DO EDUCADOR

# PRE FÁ CIO

## RAFAEL PARENTE,

“Precisamos, coletivamente, criar uma pedagogia bossa-nova, uma escola de alma brasileira”. Ouvi essas palavras de um grande mestre, o Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, e elas nunca mais saíram da minha cabeça. Ele não gostava de ser chamado de mestre, mas me inspirava como ninguém a refletir sobre a necessidade da elaboração colaborativa de uma nova visão de escola e de educação no nosso país. Afinal, qual a razão de não nos apropriarmos, em nossas salas de aula, da riqueza da nossa cultura e da nossa diversidade? Como podemos explicar o fato de termos tido gênios pensando e fazendo educação na biografia brasileira, como Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Rubem Alves, Anísio Teixeira e tantos outros, e não termos uma educação democrática e de qualidade para todos? Nossa escola necessária é aquela onde cada jovem pode desenvolver as promessas que trouxe consigo ao vir a este mundo e, igualmente, a escola que o Brasil necessita e requer para responder pró-ativamente aos imensos desafios que a história nos coloca, eu-pupilo aprendi com Gomes da Costa.

Essa reflexão sobre a necessidade de um novo modelo de educação e de escola não é limitada ao nosso país. Pensadores, gestores e pesquisadores em todo o mundo vem criticando o modelo industrial de ensino dominante nos últimos séculos. Alguns exemplos bem conhecidos atualmente são Ken Robinson, Sugata Mitra, Salman Khan, Rubem Alves e José Pacheco. Mas mais importante do que a existência desses críticos é que estamos testemunhando um número crescente de relatos inspiradores de pessoas e lugares que demonstram como um novo tipo de educação pode acontecer.

Rafael Parente é PhD em Educação, especialista em inovação, diretor do LABi e da Aondê

Educadores e gestores da sociedade civil, de vários níveis de governo, de escolas ou até isoladamente, em salas de aula, têm procurado recriar suas visões, crenças e práticas. O livro que você tem em mãos é uma prova incontestável. Durante a leitura - que garanto ser tão envolvente que te faz querer arrumar motivos para adiar o fim - me peguei relembando momentos incríveis com o saudoso Gomes da Costa, os ensinamentos de outros grandes educadores brasileiros que citei, o fato do modelo atual de escola já estar morto e sendo enterrado, a minha experiência idealizando, planejando e implementando o GENTE, e a crença de que uma educação de alma brasileira não só é possível, como já está sendo gestada.

Este livro foi escrito com o objetivo de compartilhar as iniciativas educacionais interessantes que encontrei pelo Brasil durante uma viagem de cinco meses explorando o país. Na introdução, Caio se apresenta, fala de suas influências, inspirações, e explica a história e o propósito do livro *Caindo no Brasil*, incluindo como as experiências foram selecionadas. Logo de cara, ele nos brinda com aprendizagens importantes, como o fato de não termos uma receita de bolo para o sucesso em projetos e programas educacionais, ainda que saibamos que o amor e o senso de missão são elementos fundamentais na vida dos educadores que encontrou, liderando micro-revoluções em seus contextos sociais e enfrentando enormes desafios.

Educação é uma escolha do futuro que queremos construir desde já, a partir de agora, no momento presente. Podemos escolher continuar da forma atual, repetindo os mesmos erros, cegos para os problemas mais óbvios. (André Gravatá, Camila Piza, Carla Mayumi e Eduardo Shimahara). O segundo capítulo é composto por artigos escritos por outros apaixonados pela causa da metamorfose educacional e que também passaram pela experiência de mapear práticas educacionais inspiradoras. Um exemplo é o documentário *Quando sinto que já sei*, idealizado pelo Antonio Lovato e produzido por um grupo de amigos sobre escolas democráticas do nosso país.

Aqui a gente não trabalha os valores falando de liberdade, autonomia, etc. A gente vive eles. Vocês tão vendo aquela criança ali, que tem dois anos? Ele tá indo guardar a mochila dele na sala depois do lanche. Vai escovar os dentes e depois vai voltar para brincar no parque. (Dianne Prestes, falando sobre a *Vivendo e Aprendendo*). Chegamos, no terceiro capítulo, ao momento tão aguardado: caímos no Brasil com o Caio e um monte de gente bacana. As práticas estão ordenadas, em sua maioria, partindo do norte ao sul do país. Entre tantos relatos emocionantes, aprendemos como células cooperativas de aprendizagem estão mudando o contexto educacional e gerando desenvolvimento social no interior do Ceará (PRECE) e como o Bairro-Escola Rio Vermelho convoca todos os setores da sociedade para arregaçar as mangas e fazer a diferença na educação pública de Salvador.

Durante nossa conversa, ele me contava sobre assuntos que circulavam sua realidade

e que passavam pela nossa janela do ônibus. Ele sempre completava com “mas você deve saber disso, né? Você estudou!”. Na maioria das vezes, não sabia. Eram saberes populares ou conhecimentos necessários para a realidade dele. (Caio contando sobre seu Luiz, de Minas Gerais). No quarto capítulo, aprendemos não com as práticas, mas com histórias pessoais, daqueles que encantam com um conhecimento não lapidado, do tipo que não está disponível em sistemas formais de educação e você só consegue com sensibilidade e experiência de vida. É uma parte encantadora do livro, que me levou a refletir sobre a arrogância de alguns com muitos anos de estudo e a humildade de sábios que mal frequentaram a escola.

O *Caindo no Brasil* não para por aí. Na conclusão, além de resumir a primeira etapa do projeto, Caio conta que o mapeamento colaborativo de práticas inspiradoras continuará e que novas ações para o compartilhamento de conhecimentos e experiências estão sendo planejadas. Ele também apresenta referências de livros relacionados às práticas descritas, um guia para educadores e agradecimentos a todos os que contribuíram para que essa jornada tivesse sucesso.

Caio, eu, e as pessoas descritas aqui compartilhamos da crença que precisamos modificar a forma como organizamos e oferecemos a educação formal no nosso país, de um sentimento de profunda responsabilidade pela diminuição das desigualdades; compartilhamos da inquietude, da curiosidade, da valorização de um tipo de fazer didático que consiga levar crianças e jovens a se reconhecerem como agentes transformadores: de si, de suas vidas e das realidades, por vezes duras, que enfrentam diariamente. Acreditamos na educação para formação de cidadãos autônomos, solidários e competentes (outra frase de Gomes da Costa) e como a solução real de nossos maiores problemas, como a pobreza, a violência, a crise de valores e de representatividade, a falta de direitos básicos prescritos em nossas leis.

O *Caindo no Brasil*, além de ser a prova de que já há um movimento, um tipo de revolução silenciosa acontecendo, é um presente para educadores e todos os que se interessam por educação. Com brilhantismo e sensibilidade, esse livro nos inspira mais e mais a cada nova vírgula, parágrafo e página. Aproveitem cada minuto de leitura e façam parte dessa rede de educadores transformadores que já começou a criar a educação de alma brasileira, sonhada e profetizada por meu querido professor.

## INTRO DU ÇÃO

# MINHA HISTÓRIA

Minha casa sempre foi repleta de livros, jornais, revistas, CDs e discussões sobre o que acontece no mundo. A Educação sempre esteve presente, principalmente pelo fato de meu pai ser um grande professor e um educador em todos os momentos da vida, com um olhar muito sensível para as outras pessoas que estão ao redor. Mesmo assim, a vontade de trabalhar com Educação só chegou durante o Ensino Médio.

Não posso começar sem citar algumas das tantas pessoas em que me inspiro para escrever minha história todos os dias, principalmente quando falamos deste lado educacional (e, diretamente, social). Entre eles, estão meus pais, sempre presentes; o cantor de rap Sabotage<sup>1</sup>, que conseguiu mostrar um pouco de sua realidade para o mundo e ainda é lembrado depois de uma década de sua morte; Graça Machel<sup>2</sup>, moçambicana que lutou pela independência de seu país, tornou-se ministra da Educação e Cultura e fez a diferença em seu país; Sobral Pinto, um advogado brasileiro que defendeu diversos presos políticos na época da Ditadura Militar com muita coragem<sup>3</sup>; por fim, Vivi Costa, uma grande amiga que, mesmo com vinte e um anos, ensina a todos

1. Confira o videoclipe mais famoso do rapper em [www.goo.gl/illQbo](http://www.goo.gl/illQbo).

2. Graça Machel nasceu em Moçambique e lutou pela independência de seu país. Órfã de pai, filha de mãe analfabeta e com cinco irmãos, conseguiu estudar e atuou como professora e foi integrante da Frente de Libertação de Moçambique durante a luta armada pela independência. Tornou-se ministra da Educação e Cultura. Reduziu o analfabetismo de 93% para 78% em cinco anos. Viu o apartheid destruir tudo que havia construído. Deu a volta por cima e continuou a luta por uma Educação de qualidade, emancipação da mulher e pelos direitos das crianças. Foi casada com Samora Machel, líder da independência de Moçambique, e com Nelson Mandela.

3. Sobral Pinto tinha a defesa da Constituição Federal como sua principal missão. Defendeu Carlos Prestes com base nos Direitos dos Animais (já que nem estes estavam sendo respeitados) e raramente conseguia cobrar honorários de seus clientes. A abertura do documentário Sobral: o homem que não tinha preço mostra um pouco quem era este jurista. Confira o trecho em [www.goo.gl/iy24N7](http://www.goo.gl/iy24N7).

misturando o melhor da cultura popular brasileira com uma sensibilidade incrível de ver e entender o mundo, e mais tantos outros amigos queridos que fazem a diferença na minha vida e na sociedade.

Sempre fui bastante estudioso (o que nem sempre refletiu em boas notas) e muito esforçado; era bastante tímido até o fim do Ensino Fundamental e nunca fui de aprontar muito. No Ensino Médio, estudei em um colégio tradicional de São Paulo que oferecia diversos cursos extras gratuitos aos alunos. Resolvi me inscrever em um que se chamava Idade Mídia e propunha trabalhar com a área de Comunicação e Educação. Incrivelmente, passei na seleção e comecei a participar dos encontros semanais mais por curiosidade do que por vocação. Gostei tanto que continuei a frequentar o curso por mais cinco anos como penetra, coordenador de projetos, monitor e até ajudei a escrever um livro sobre os dez anos de história do projeto.

Foi por causa do Idade Mídia que decidi cursar Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, uma das mais importantes do país. Não demorei muito para descobrir que todos os livros que tinha lido sobre Comunicação e as vivências no Idade Mídia adiantaram muito o conteúdo que aprenderia nos próximos quatro anos. Também entendi que gostava muito mais do processo educativo do Idade Mídia (que era muito mais dialógico, livre e desenvolvia a autonomia, o trabalho em equipe e a leitura crítica de mundo) do que a parte de Comunicação em si. Brinco que se o Idade Mídia fosse um curso de Moda e Educação – ao invés de Comunicação e Educação -, teria cursado Moda e não aproveitado tanto a faculdade do mesmo jeito, já que o que me encantava era esse modo de educar. Alguns amigos, certos professores que me ensinaram muito e dois trabalhos acadêmicos (a Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso) sobre Educação fizeram a Cásper Líbero não ser totalment vazia de sentido.

Por sorte, a faculdade não impediu que me desenvolvesse no mercado de Educação. Desde o Ensino Médio, trabalhei com e para diversas empresas públicas e privadas e para o Terceiro Setor desenvolvendo projetos que envolviam as áreas de Comunicação, Educação e Tecnologia. De certa maneira, comecei a carreira “ao contrário”: nos dois primeiros anos trabalhava como autônomo e tinha quatro clientes fixos durante cada ano.

No terceiro ano da faculdade, decidi procurar um emprego “formal” para experimentar como era trabalhar todos os dias em um mesmo lugar e com uma mesma equipe. Fui convidado para estagiar na Abril Educação, uma das maiores empresas de Educação do país, e continuei com dois clientes nas horas vagas. O braço de Educação do Grupo Abril foi uma das maiores escolas pelas quais passei: aprendi muito e trabalhei com

uma equipe incrível que me ensina até hoje. Comecei como o estagiário que fazia upload dos conteúdos da empresa nos novos portais, mas três meses depois fui transferido para a área de Novos Negócios e Pesquisa, que era a mais estratégica da Diretoria de Tecnologia de Educação. Em mais alguns poucos meses, fui efetivado na mesma área. No final da minha época de Abril Educação, já era responsável por diversos projetos. A rápida ascensão talvez tenha sido resultado de eu sempre estar disposto a colaborar com a equipe, ter um perfil multitarefa e conector de pessoas, mas talvez principalmente por fazer tudo com muito amor pela causa e pelas pessoas que estavam trabalhando comigo. Mais de um ano depois, recebi um e-mail de grandes amigos que fiz na empresa com uma charge produzida pelo “Quadrinhos dos anos 10” que dizia:

### CENA 1

HOMEM: - ENCONTREI UM CORAÇÃO NA MESA DO ESTAGIÁRIO.

### CENA 2

HOMEM: - ELE SABE QUE É PROIBIDO TRAZER O CORAÇÃO PARA A EMPRESA.

### CENA 3

MULHER: - ELE AINDA É UM GAROTO, GILBERTO.

HOMEM: - MAS ESTÁ COLOCANDO EM RISCO A AMARGURA DOS MAIS VELHOS.

Depois de quase cinco anos trabalhando na área de Educação, queria aprender coisas novas e conhecer pessoas diferentes. Hoje, entendo que o maior problema era a angústia pelo fato de criar produtos e serviços para estudantes e educadores de todo o Brasil, mas pouco sair do escritório para conversar com quem usava o que produzia.

Nesta época, recebi um convite para trabalhar com Marketing Digital em uma agência publicitária. Vi uma oportunidade de entrar em contato com o novo, aprender técnicas de Marketing Digital e também aprender mais sobre gestão do conhecimento e gestão da inovação, área que estava começando a me interessar e uma das especialidades da empresa.

Foi mais um período de enorme aprendizado, novos desafios e muitos



projetos desenvolvidos para os mais diversos setores. No entanto, percebi que a dificuldade de criar produtos e serviços sem conversar com o usuário não era uma questão da Educação, mas sim um grave problema de mercado. Então, percebi que precisaria fazer uma ruptura na minha vida e dar um jeito de estar na rua, conhecendo as diversas realidades brasileiras. É neste momento que a história do *Caindo no Brasil* efetivamente se inicia.

Este livro foi escrito com o objetivo de compartilhar as iniciativas educacionais interessantes que encontrei pelo Brasil durante uma viagem de cinco meses explorando o país. É importante ressaltar que sou formado em Jornalismo. Mesmo trabalhando e estudando muito sobre Educação, escrevi com o olhar de comunicador. Também não se trata aqui de uma reportagem sobre Educação, como habitualmente se vê, lê ou ouve nos veículos midiáticos. Este é um livro destinado tanto para aqueles que trabalham em Educação quanto para os que se preocupam e refletem sobre os processos educacionais baseado em estudos acadêmicos, mas com linguagem e estrutura acessíveis.

Em essência, esta obra é uma maneira de compartilhar e refletir sobre as diversas iniciativas educacionais que acontecem no Brasil, dentro e fora da escola. Apresento uma coleção de práticas educacionais que identifiquei e conheci no país que, em maior ou menor medida, tiveram como resultado a transformação da sociedade, da vida das pessoas envolvidas e do modo como a cidadania é exercida.

## COMEÇANDO A CONVERSA

Em janeiro de 2013, criei oficialmente o projeto *Caindo no Brasil* e viajei o país para conhecer as realidades nacionais e o que chamei de práticas educacionais inspiradoras. Era uma procura por escolas, projetos e histórias de pessoas que tivessem o objetivo de formar indivíduos para a sociedade, que fossem relevantes e que realmente nos ensinassem e inspirassem quando o assunto é Educação. A intenção era conhecer de perto iniciativas que adotaram soluções criativas para os desafios de ensino-aprendizagem e também modelos de aprendizagem alternativos ao tradicional.

O debate sobre reestruturação do modelo educacional tradicional está acontecendo de maneira significativa pelo menos desde o fim do século XIX, baseando-se principalmente nas demandas sociais e trabalhistas. O educador japonês Tsunessaburo Makiguti escreveu no início do século XX: “os professores do ensino básico devem ser fornecedores de informação ou orientadores que auxiliam os processos de investi-

gação e aprendizagem? Até o presente, a verdadeira fonte de problemas tem sido a adoção incorreta do antigo papel. Há muito tempo, Sócrates disse que o ‘conhecimento não pode ser transmitido’, mas, de alguma forma, o sentido de suas palavras ainda não foi assimilado”<sup>4</sup>.

A sociedade demanda sujeitos autônomos, responsáveis, que consigam perceber e lidar com os outros e que tenham a capacidade de conviver em grupo e fazer análises críticas das questões sociais. Quando nosso carro leva uma “fechada” de outro que “está com mais pressa” ou as empresas começam a não encontrar profissionais com o perfil desejado, fica claro que mudanças são necessárias no modelo de sociedade em que vivemos. Na Transformar 2014, um dos maiores eventos sobre inovação na Educação do Brasil, a presidente do conselho do Instituto Península, Ana Maria Diniz, ressaltou: “os jovens devem ser capacitados para criar um novo futuro, no qual possam pensar, criar novas ideias e realmente fazer a diferença”. Essa fala segue o mesmo caminho do pensamento de Stuart Hall. No livro *O capitalismo da Encruzilhada*, o autor defende que 75% das empresas do S&P 500 (levantamento das maiores companhias do mundo, realizado pela consultoria Standard & Poor’s), em 2020, ainda não existem. Portanto, é preciso formar jovens que estejam desenvolvidos para enfrentarem estes novos desafios sociais.

É urgente a necessidade de identificar as boas práticas educacionais, divulgá-las, aprender com cada uma e, se possível, transformá-las em Políticas Públicas que resultem em empoderamento e emancipação das pessoas, de tal modo que estas possam exercer mais plenamente sua cidadania e se tornarem verdadeiros agentes de transformação. O sociólogo Pedro Demo defende que a “função insubstituível da educação é de ordem política, como condição à participação, como incubadora da cidadania, como processo”, o pesquisador mostra que a Educação é uma condição para haver participação cidadã: “na verdade, educação que não leva à participação já nisto é deseducação, porque consagra estruturas impositivas e imperialistas transformando o educador manipulador em figura central do fenômeno, em vez de elevar o educando a centro de referência. O aspecto comunitário da educação não é propriamente um

4. BETHEL, D. Educação para uma vida criativa: ideias e propostas de Tsunessaburo Makiguti. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 142



aspecto, mas seu cerne, porque é este tipo de envolvimento que produz sua qualidade formativa, partindo sempre da potencialidade e da criatividade do educando e de suas famílias”<sup>5</sup>.

### COMO O PROJETO COMEÇOU

Quando decidi fazer uma viagem pelo Brasil, queria conhecer as realidades brasileiras. Uma série de fatores me fazia sentir como se estivesse vivendo numa “bolha” e também como alguém com visão de mundo limitada. Como disse, trabalhava dentro de escritórios fechados, mas construía conteúdos, produtos e serviços para todo o Brasil; gostava de São Paulo, mas dificilmente saía do meu bairro; trabalhava formal e informalmente para uma Educação melhor, mas estava bastante restrito ao mercado privado consumidor de alta tecnologia. E por aí vai.

A ideia do projeto de viajar o Brasil surgiu justamente em uma reunião dentro do escritório. Um dia, estávamos debatendo estratégias para uma nova campanha nacional de uma marca que representávamos e um dos participantes sempre fazia comentários sobre as cidades que citávamos. “Nossa, mas você já foi pra todo lugar, hein?!”, disse um de meus colegas de trabalho. “Pois é... já rodei bastante por este país”, respondeu o publicitário-viajante. Neste momento surgiu a ideia: “e se eu viajasse o Brasil?”. Afinal, seria uma das maneiras mais interessantes e intensas de conhecer as realidades do país, conversar com pessoas e aprender coisas novas.

No mesmo dia, peguei um Atlas e circulei as cidades que queria visitar com o olhar de viajante. A ideia era conhecer além das praias e dos pontos turísticos. Tinha o objetivo de realmente andar pela cidade, olhar para os detalhes, encontrar com as pessoas. Assim, destrincharia um pouco das múltiplas realidades brasileiras.

Foram mais de 70 círculos no mapa. Então, vi uma oportunidade enorme de também conhecer iniciativas educacionais que realmente fizessem a diferença. Ampliaria demais meu conhecimento “pé no chão da escola” vendo as práticas in loco e conversando cara-a-cara com quem está na ponta, atuando diariamente para a Educação de crianças, jovens e adultos.

Saí de São Paulo com a missão de ter esse duplo olhar para, na verdade, entender um



CIDADES VISITADAS (POR ORDEM DA VIAGEM)

- |                  |                      |                  |                         |                       |
|------------------|----------------------|------------------|-------------------------|-----------------------|
| • BELÉM          | • JERICOACOARA       | • BELO HORIZONTE | • CRATO                 | • VALENÇA             |
| • ILHA DO MARAJÓ | • PAULO AFONSO       | • OURO PRETO     | • NOVA OLINDA           | • CAIRU               |
| • SÃO LUÍS       | • MACEIÓ             | • MARIANA        | • JUAZEIRO DO NORTE     | • PALMAS              |
| • SOBRAL         | • ARACAJU            | • DIAMANTINA     | • ALCÂNTARA             | • CANDANGOLÂNDIA      |
| • FORTALEZA      | • SÃO CRISTÓVÃO      | • BRUMADINHO     | • TERESINA              | • GUARÁ               |
| • NATAL          | • LARANJEIRAS        | • RIO DE JANEIRO | • PENTECOSTE            | • TRINDADE            |
| • RECIFE         | • SALVADOR           | • ANGRA DOS REIS | • SERRA TALHADA         | • SÃO JOÃO DEL REI    |
| • JOÃO PESSOA    | • MORRO DE SÃO PAULO | • PARATY         | • SANTA CRUZ DA BAIXA • | • TIRADENTES          |
| • OLINDA         | • LENÇÓIS            | • PETROLINA      | • VERDE                 | • PRESIDENTE TANCREDO |
| • CARUARU        | • BRASÍLIA           | • SOBRADINHO     | • ARCOVERDE             | • NEVES               |
| • TRIUNFO        | • PIRENÓPOLIS        | • BARREIRAS      | • CASA NOVA             | • NILO PEÇANHA        |
| • GARANHUS       | • GOIÂNIA            | • CACHOEIRA      | • POUSO ALTO            | • IBIRAPITANGA        |
| • CANOA QUEBRADA | • UBERLÂNDIA         | • BOIPEBA        | • SÃO FELIX             | • SERRA DA PAPUÃ      |

5. DEMO, P. Participação é conquista. São Paulo: Cortez, 1999 apud Revista Escrevendo & Apendendo 2002, p 67.

ponto mais amplo. Assim como Paulo Freire e diversos outros educadores, acredito que é preciso conhecer a realidade local para compreender os processos educativos que são tidos. E não é possível conhecer a realidade sem olhar para a Educação daquela sociedade. No final, foram 58 cidades visitadas em 12 Estados e Distrito Federal. Percorri mais de 17 mil quilômetros por terra em cerca de 283 horas de transporte, quase todas em ônibus. Conheci 30 práticas educacionais inspiradoras nestes cinco meses e meio de viagem e centenas de histórias incríveis sobre as mais diversas realidades sociais e educacionais.

## QUAIS OS OBJETIVOS PRINCIPAIS E COMO AS PRÁTICAS FORAM SELECIONADAS PARA O LIVRO

Decididos os objetivos e com um planejamento minimamente traçado, saí de São Paulo com o desafio de encontrar projetos educacionais inspiradores. A princípio, optei por não estabelecer muitos critérios para não perder projetos excelentes por não se encaixarem nos critérios A ou B. Defini, apenas, que estava em busca de práticas que realmente utilizem a criatividade para superar desafios de ensino-aprendizagem e/ou que desenvolvam modelos de ensino alternativos ao tradicional.

O educador Tião Rocha, do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento<sup>6</sup>, sempre defende que escola é diferente de Educação. Na conversa da abertura do Prêmio Trip Transformadores 2013, no qual tive a oportunidade de participar de uma mesa de debates, ele disse: “escola é meio. Educação é fim”. Acredito que é possível aprender em qualquer lugar, inclusive na escola. Por isso, além de instituições formais de ensino, busquei projetos governamentais e não-governamentais e também histórias de pessoas - que, muitas vezes, foram tão importantes quanto um projeto grandioso e bem-sucedido. Além disso, estava aberto para ver casos públicos e privados e em qualquer segmento de ensino.

O cineasta Nelson Pereira dos Santos disse, em uma palestra da Festa Literária Internacional de Paraty de 2013, que seu método de trabalho era justamente não ter método de trabalho. Na viagem, tinha meus princípios e minhas

6. ONG que trabalha em diversas cidades de Minas Gerais com o desenvolvimento infanto-juvenil via práticas educativas ligadas às realidades locais. Confira mais em [www.cpcd.org.br](http://www.cpcd.org.br).



bases teóricas, mas fiquei bem aberto para buscar casos inspiradores sem pré-conceitos. Talvez o método indiretamente aplicado tenha sido o da observação e o do rapid assessment, metodologia de pesquisa muito trabalhada pela UNICEF que garante informação qualitativa de maneira rápida, utilizando dados pre-existent para obter da comunidade opiniões e informações objetivas sobre o tema estudado. Estava entrando em contato com aquelas práticas como um observador vindo de outra realidade. Era um jornalista com o objetivo de conhecer o trabalho realizado por aquelas pessoas e ver as ações sendo aplicadas no dia a dia do processo educativo.

Na bagagem, levei uma lista com cerca de trinta projetos e escolas interessantes para conhecer. Três semanas antes de a viagem começar, conversei com muita gente de várias áreas dentro de Educação para descobrir essas iniciativas. No fim, aproveitei poucas delas. As melhores experiências foram encontradas durante a viagem, gastando a sola dos meus tênis e trocando ideias com pessoas de todo tipo. Foi em museus, restaurantes ou pontos de ônibus, por exemplo, que conheci e conversei com pessoas que moram e circulam por aquelas cidades que visitei. Não há gente melhor para falar de sua própria cidade.

## A IMPORTÂNCIA DAS REDES

Além disso, as redes sociais foram fundamentais para conhecer melhor as realidades e os projetos educacionais inspiradores de cada lugar. Com o passar dos meses, a minha rede pessoal e digital cresceu cada vez mais. Uma rede maior significa mais pessoas compartilhando dicas, conhecimentos e trocando ideias.

A criação de redes virtuais e presenciais também foi fundamental para identificar e entrar em contato pessoalmente com as práticas educacionais que eu queria conhecer de perto. No início da viagem, tive grandes dificuldades para visitar escolas e conversar com as pessoas que estavam envolvidas com as práticas educacionais interessantes para minha pesquisa. Na Ilha de Marajó (PA), por exemplo, passei por uma escola com faixas mostrando as aprovações nos vestibulares estaduais e federais e noticiando as ótimas colocações nas Olimpíadas de Matemática. A diretora não quis falar comigo porque “estava muito ocupada”, mesmo com a escola totalmente vazia por causa de uma comemoração local. Depois de ler minha carta de recomendação, que sempre levava no bolso, e continuar me olhando com cara de desconfiada, ela se comprometeu a responder meu e-mail em alguns dias. Tive a resposta apenas três

meses depois, exatamente no dia seguinte do projeto Caindo no Brasil ser pauta de uma matéria de página inteira na edição de domingo da Folha de S.Paulo<sup>7</sup>.

Esse não foi o único caso. No Recife (PE), a diretora não quis atender meu telefonema e a professora que falou comigo disse, depois de três dias (e muitas tentativas), que ninguém da escola poderia me apresentar o trabalho realizado pela instituição. Em Petrolina (PE), a coordenadora de uma escola que confirmou comigo no fim da tarde uma visita que eu faria no dia seguinte, às 10h, simplesmente não apareceu porque “foi ao médico”, segundo funcionárias que não abriram o portão para mim e não me ajudaram a voltar para o centro da cidade (me deixando “preso” na periferia da cidade até conseguir um táxi). Apesar disso, com o tempo as redes aumentaram e novos contatos foram me introduzindo nas boas práticas educacionais que eu queria conhecer. Entrar na escola junto com alguém facilita conhecer e compreender a prática educacional de maneira mais ampla e completa.

É claro que várias das dicas que recebi não foram concretizadas em visitas. Muitas vezes, uma dica incrível surgia quando já havia passado por aquela cidade em um momento em que não poderia voltar por causa da distância. Outras vezes, uma “boa escola” era entendida como instituição que trabalha com o conteúdo decorado (o famoso “horas de bunda na cadeira é igual a uma boa Educação”) ou vê a disciplina extrema como os principais valores para uma Educação de qualidade.

Existem escolas para suprir todos os tipos de objetivos. Makiguti já falava sobre isto no início do século XX: “a pergunta ‘que tipo de Educação é a melhor?’ é muito importante e será analisada posteriormente. Antes, porém, quero enfatizar que o único caminho construtivo para se combater o pensamento subversivo ou repressivo é a Educação. (...) A saída para os problemas atuais está no futuro, não no passado! (...). Os educadores precisam reconhecer que soluções importantes não funcionam; que eles próprios devem perceber as dificuldades específicas de seu tempo e lugar e enfrentá-las, sem receio de errar, pois a partir do erro é possível chegar ao cerne dos problemas, analisando e superando as falhas. Levamos 60

7. Confira a matéria completa no link [www.goo.gl/DAOAwF](http://www.goo.gl/DAOAwF).

anos buscando ideias na Europa e na América, o que nos enfraqueceu, mas também nos ensinou que copiar não é a solução”<sup>8</sup>. Portanto, se meu objetivo é exclusivamente passar no vestibular, posso encontrar uma excelente escola. Porém, esta escola pode ser péssima para outra pessoa que quer um aprendizado para a vida, um “saber-viver”, como dizia Paulo Freire. Em minha busca, preferi práticas que tinham propostas para formar indivíduos ativos na sociedade ao invés de outras que priorizam o ensino conteudista e uma disciplina severa como melhor caminho.

## A DIVULGAÇÃO MIDIÁTICA DAS PRÁTICAS VISITADAS

A mídia divulga muito pouco, ou mal, as práticas educacionais inspiradoras no Brasil. Ainda é muito comum ouvir apenas que a Educação no país tem diversos problemas irrecuperáveis e nada é realizado ou pouco está sendo feito para melhorá-la. No entanto, é preciso observar as boas práticas, divulgá-las e aprender com cada uma. O Caindo no Brasil se propôs a fazer isso.

Como já disse, embarquei no projeto com uma lista de trinta experiências que eu poderia conhecer, criada a partir de dicas de vários profissionais da área. Quando estava viajando, descobri que as pessoas em geral realmente conhecem muito pouco o Brasil. As dicas que recebi em São Paulo eram boas, porém existiam iniciativas muito mais interessantes para serem exploradas e compartilhadas. E eram as pessoas que moravam nas cidades que conheciam essas experiências locais e regionais. Conversando com o recepcionista do hostel em Jericoacoara (CE), por exemplo, descobri que aquela vila com três ruas de areia onde moram cerca de 2.500 pessoas tinha uma escola municipal que havia aumentado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em dois pontos de 2009 para 2011. A média normal de crescimento é de cerca de 10% da nota em comparação com a nota do levantamento anterior<sup>9</sup> – algo que pode variar entre 0,2 e 0,7 pontos. A melhoria aconteceu depois que um diretor que se tornou “educador por acaso” assumiu a gestão da instituição (confira a história completa em [www.escolasdobrasil.blog.br/?p=159](http://www.escolasdobrasil.blog.br/?p=159)). Em muitos outros lugares, dicas

de funcionários das hospedarias, restaurantes e museus me levaram às iniciativas e histórias incríveis que são conhecidas apenas localmente e serão compartilhadas neste livro.

Também me surpreendi com a quantidade de veículos midiáticos e de pessoas interessadas em saber o que eu estava encontrando pelo caminho. Foram mais de oitenta matérias em diversos veículos em um pouco mais de um ano de Caindo no Brasil. Ao ser constantemente procurado por representantes dessas mídias, constatei que eu não era o único a ter dificuldades em encontrar notícias sobre as boas práticas educacionais. É muito mais fácil descobrir e escrever sobre os problemas pontuais na Educação do que descobrir práticas que realmente façam diferença na vida daqueles atores envolvidos no processo educacional. Os veículos tradicionais geralmente mostram o lado negativo da situação educacional no Brasil, como as más condições de infraestrutura, e as dificuldades de trabalho dos funcionários e educadores ficam em destaque - o que é importante, mas não deve ser o único fator ressaltado. Iniciativas como o portal Porvir ([www.porvir.org](http://www.porvir.org)) vão na “contramão” deste cenário, noticiando iniciativas inovadoras e inspiradoras humanizadas.

A elaboração de notícia sobre uma boa prática educacional exige um nível muito mais complexo de apuração jornalística, muitas vezes contrário ao modelo com o qual os veículos trabalham nos dias de hoje. Compartilhar uma iniciativa interessante demanda bastante esforço. Existem pontos de atenção fundamentais para isto:

- O primeiro deles é pesquisar muito. As práticas mais interessantes e com impacto mais intenso tendem a ser conhecidas apenas localmente. É preciso apurar bastante, ir para a rua e conversar com as pessoas certas para descobri-las.
- Além de conversar muito para encontrar essas boas práticas, é necessário conversar com os atores educacionais que concretizam aquela iniciativa. Quanto mais pessoas envolvidas no processo forem ouvidas, mais completo será o conhecimento daquela experiência. Além disso, é preciso levar em conta a complexidade das práticas educacionais e também como as relações entre os diversos atores envolvidos são tidas. Esta é uma grande barreira, uma vez que a escola nem sempre está aberta para pessoas de fora da comunidade escolar conhecerem o que

8. BETHEL, D. Educação para uma vida criativa: ideias e propostas de Tsunessaburo Makiguti. Rio de Janeiro: Record, 2007, pp. 113-114.

9. Confira excelente matéria de Beatriz Rey analisando o assunto para o portal da Revista Educação: [www.goo.gl/XUIZOA](http://www.goo.gl/XUIZOA).



acontece nesse processo e conversarem com os envolvidos. Eu mesmo tive muita dificuldade no início da jornada e nem sempre pude conversar com alunos, pais, funcionários e professores.

- Talvez conhecer de perto a experiência seja o ponto mais importante de todos. É muito difícil verificar se a prática é interessante/inspiradora (ou não) apenas por telefone. É preciso realmente conhecer como aquelas ideias e valores estão sendo aplicados. Visitar os lugares onde as iniciativas educacionais inspiradoras ocorrem muitas vezes afeta a estrutura de custos do veículo de mídia, mas é fundamental. Nas visitas que fazia, mesmo quando não podia conversar com educadores e alunos, buscava andar pela escola para conhecer o espaço e ver como são as relações estabelecidas naquele local.

Em Brasília, por exemplo, estava conversando com a coordenadora de uma escola de Educação Infantil chamada Vivendo e Aprendendo (que é compartilhada neste livro) e ela me contava sobre como o diálogo, o ensino do “não gostei”, era aplicado na prática. Segundo a educadora, se uma criança fizesse algo que a outra não gostasse, a prejudicada era incentivada a falar “não gostei disso” e conversar sobre o assunto. Logo pensei na dificuldade de aplicar essa estratégia, muito usada na Educação Infantil, no dia a dia escolar com crianças de 2 a 6 anos. Quando estava conhecendo o espaço da escola, vi duas crianças da primeira turma brincando e uma estava jogando areia no rosto da outra. Como a comunicação entre os dois ainda não estava totalmente desenvolvida, o educador falou “Maria, não joga areia na cara do João porque ele NÃO GOSTOU disso”. A menina parou imediatamente, mostrando como a empatia e o diálogo estavam presentes no modo de ser daquele grupo de aprendizagem. Em uma segunda visita, estava brincando com a Julia e a Luísa (duas meninas de apenas quatro anos) e uma terceira garota quis entrar na brincadeira. Ela perguntou se podia brincar e a Julia falou: “não, essa é uma brincadeira de três”. A menina saiu chorando e eu perguntei para a Julia: “por que você falou isso? Ela queria brincar com a gente”. Na hora, argumentou: “ela queria brincar só com você. Ela queria tirar a gente da brincadeira”. E eu refutei: “não, Julia. Ela queria brincar com nós três. Ela não gostou do jeito que você falou. Ela saiu daqui chorando. Vai conversar com ela”. Na hora, a Julia foi conversar com a colega para resolver o problema. Se fizesse a entrevista por telefone, jamais veria a aplicação prática dos valores conversados com a coordenadora de uma maneira tão natural.

Mesmo com as dificuldades de apuração, exemplos como o de Jericoacoara, Brasília e tantos outros encontrados pelo país precisam ser conhecidos e compartilhados. É necessário mostrar que a Educação no país tem boas práticas. Também é fundamental

que haja uma rede direta ou indireta de compartilhamento de iniciativas para auxiliar escolas e projetos a encontrarem soluções para problemas locais. Como veremos no capítulo de Ensaios deste livro, diversos projetos de mapeamento de boas iniciativas educacionais estão acontecendo no Brasil e no mundo.

## O QUE FOI ANALISADO EM CADA PRÁTICA

As experiências iniciais da viagem me ensinaram a seguir certa rotina em cada cidade. Como já disse, acredito que a Educação e a realidade local fazem parte de uma coisa só, pois é impossível compreender uma sem levar em conta e entender a outra. Por isto, busquei primeiro conhecer um pouco das realidades da cidade para, depois, poder conhecer as experiências educacionais daquele lugar.

Eu chegava à cidade e, logo no primeiro dia, andava praticamente sem rumo, prestando atenção em todas aquelas realidades e aqueles detalhes. No dia seguinte, buscava conhecer os lugares que queria e não tive tempo no primeiro dia. Então, visitava os projetos educacionais depois de ter andando pelas ruas, conhecido um pouco da realidade e da história daquela região, conversado com várias pessoas diferentes. A maioria das visitas era pré-agendada, outras surgiram como resultado das minhas andanças, como aconteceu na Ilha de Marajó (PA). Quando passava em frente a uma escola ou projeto que parecia interessante, batia na porta e tentava conhecer a iniciativa.

Esta preocupação em conhecer a realidade local antes da prática educacional me ajudou a ver com outros olhos os trabalhos que visitava. Um dia, por exemplo, conheci uma das duas escolas de referência de um Estado onde o agronegócio era o motor da economia. Como viajava de ônibus de uma cidade para a outra, tive a oportunidade de atravessar este Estado e conferir a intensa produção de soja. Na escola, vi que, apesar de práticas que geravam resultados considerados bons nos índices governamentais, o material que os estudantes utilizavam era o mesmo da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e havia poucas iniciativas extras que



ALUNOS DA VIVENDO E  
APRENDENDO, EM BRASÍLIA,  
CONVIVENDO DURANTE AS  
ATIVIDADES EDUCACIONAIS

contemplassem a realidade do agronegócio. Além disso, espantei-me ao ver a apostila de Matemática ensinando medidas unitárias e dando como exemplo a Baía de Guanabara, enquanto a menos de 5 km da instituição um dos principais lagos da cidade poderia ser um ótimo exemplo. No livro *Educar com a Mídia*, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães, Freire relembra a história que já havia contado em *Pedagogia da Autonomia*. Na ocasião, uma professora que trabalhava há 10 anos numa determinada escola que, ao ver uma exposição de fotografias do entorno escolar realizada por colegas, disse: “há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver essa exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido minha tarefa formadora durante todos esses anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social dos educandos?”<sup>10</sup>. Defendo que a esta última pergunta é fundamental para um processo de aprendizagem realmente significativo. O educador Anísio Teixeira também defendia que a Educação precisava ser regionalizada – como ressaltou o livro *Bairro-Escola: passo a passo* – “de maneira que sua gestão e seus programas respeitassem e considerassem as características e especificidades locais”<sup>11</sup>.

27

## O DISCURSO E A PRÁTICA EM CADA INICIATIVA

Nas visitas, busquei sempre entender melhor o projeto e ver a ideia e o discurso oficial realmente acontecendo na prática. Conversava com o criador ou coordenador do projeto - pessoa que tem uma visão mais ampla da iniciativa - e também com professores, funcionários e alunos - que estão agindo no dia a dia do projeto.

Muitas vezes, a minha visita na iniciativa era agendada no contraturno ou

10. FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre Educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 75.

11. UNICEF. *Bairro-Escola: passo a passo*. UNICEF: São Paulo, 2013. p. 16.

enquanto a maioria dos professores estava em aulas. Isto impossibilitava conversar mais com as pessoas com essa visão mais ampla. Mesmo não podendo falar diretamente com todos os atores envolvidos, sempre buscava ver o projeto funcionando e as relações entre as pessoas acontecendo. Na visita pela escola, podia espiar as salas de aula, ouvir conversas de corredores e observar um pouco os atores educacionais vivendo naquele ambiente. Assim, pude constatar muitas vezes que aquilo que foi falado na conversa com os gestores realmente era ou não aplicado na prática, como o caso da escola que aplica o “não gostei” no modo de ser de seus educandos, relatada anteriormente.

Conhecendo a prática cotidiana e estudando bastante sobre cada projeto compartilhado no livro, entendi que é muito mais interessante ressaltar as soluções criativas do que os problemas de cada caso. É claro que não existe nenhuma prática educacional inspiradora perfeita e todas elas estão em processo de construção. Portanto, não ignoro os problemas, mas valorizo as características inspiradoras.

## O RESULTADO

Este livro foi escrito justamente para compartilhar o que descobri e aprendi nessa rica viagem pelo Brasil. Conheci as escolas com olhar de jornalista e com uma base de estudos na área de Educação que me auxiliou muito nas análises das práticas visitadas. As vivências que fazia nas escolas e projetos e as conversas com as pessoas durante o trajeto foram realizadas de maneira natural, sem uma rigidez metodológica e acadêmica.

O objetivo, como explicado, era conhecer de perto iniciativas que estavam fazendo a diferença na prática educativa dos atores educacionais envolvidos. Na volta para São Paulo, li muitos novos autores e sobre as práticas, seus métodos e outros assuntos que surgiram durante essas vivências, que podem ser conferidas nas Referências Bibliográficas comentadas. Entrevistei muitas outras pessoas envolvidas com as iniciativas para poder escrever este livro. A afirmação “a prática chama a teoria”, do educa-

dor português José Pacheco, nunca fez tanto sentido. Pela proximidade que tive com o objeto de estudo durante toda a pesquisa, decidi utilizar a primeira pessoa no texto deste livro.

Conto as histórias e modos de ser e de ver o mundo a partir de cada prática educacional. Não existe receita para o sucesso em iniciativas educacionais. Cada caso é único, feito por pessoas singulares que trabalham muitas vezes por amor e por acreditarem que têm uma missão a ser cumprida. Mesmo assim, é importante e interessante observar como cada solução foi concretizada e conseguiu fazer microrrevoluções em sua própria realidade.

Em 2013, fiz mais de 35 palestras por todo o Brasil e pelo menos 1000 encontros cara-a-cara com diversas pessoas da área de Educação para compartilhar conhecimentos e, principalmente, debater e ouvir opiniões sobre pontos de vista das práticas que conheci e temas importantes para serem debatidos. O resultado das falas para mais de 3000 pessoas, assim como os encontros mais profundos com essas centenas de atores formadores de opinião e agentes de transformação, possibilitaram um livro com mais pontos de vista e questionamentos. O box com os contatos de cada prática no fim dos capítulos, por exemplo, foi resultado de uma conversa informal com a querida Gabriela Nardy durante a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE), que participei em Brasília (DF).

## E EM 2014?

Em 2014, voltei definitivamente para São Paulo e o Caindo no Brasil se tornou uma empresa social que tem como principal objetivo empoderar pessoas e projetos educacionais. A partir da inteligência em Educação criada pelo mapeamento de práticas educacionais inspiradoras, busco



promover trocas de ideias, compartilhamento de conhecimentos e formação de redes para a real construção de uma melhor Educação para o país. Confira mais em [www.caindonobrasil.com.br](http://www.caindonobrasil.com.br).

## ENFIM, O QUE APRENDI E VOU COMPARTILHAR AQUI

Nas páginas seguintes, abro espaço para compartilhar uma série de projetos interessantes de outras pessoas que mapearam durante 2013 novas maneiras de pensar Educação e de realizá-la. A parte principal do livro é preenchida pelos relatos dos projetos e escolas que conheci e, também, pelas histórias que ouvi de pessoas que tiveram a Educação como ferramenta de mudança social. Por fim, faço uma análise do que aprendi com todas essas experiências incríveis que devem ser cada vez mais compartilhadas e disponibilizo uma referência bibliográfica comentada sobre Educação. No apêndice compartilho um Guia do Educador, material produzido pelas professoras Denise Rampazzo e Ivaneide Dantas com o apoio do Instituto Singularidades. Este guia potencializará os conteúdos compartilhados nesta obra durante a formação inicial e continuada de educadores. Este livro pode ser lido de maneira personalizada, não importando a ordem dos capítulos.

Boa leitura!

# VIVENDO E APRENDENDO BRASÍLIA (DF)



Brasília foi uma das melhores cidades visitadas durante a viagem. Quando saí de Palmas (TO) para a capital do país, esperava passar três ou quatro dias conhecendo o Distrito Federal. Tinha algumas dicas de práticas educacionais interessantes, mas nenhuma das instituições havia respondido minhas solicitações de visita. No fim, conheci muita gente e pude ver de perto vários projetos educacionais com soluções bastante criativas para os desafios atuais.

Descobri, durante minha estadia, que Brasília é uma das cidades em que as escolas democráticas ganham destaque no cenário educacional. Espaços que promovem o diálogo, a empatia, a diversão e a autonomia de maneira democrática ganharam bastante força na capital e nas cidades satélites, principalmente pelo trabalho de vários acadêmicos da Universidade de Brasília (UnB). A Educação Democrática valoriza muito mais o desenvolvimento de habilidades e competências e a formação humana do que um ensino baseado apenas no aprendizado do conteúdo educacional.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo foi uma dessas iniciativas que me surpreenderam. Próxima à UnB, a associação trabalha na Educação Infantil com a faixa etária de 2 a 6 anos. Em 2013, eram 149 crianças divididas em cinco ciclos nos turnos da manhã e da tarde. Visitei a associação pela primeira vez junto com Talita Porto, que conheci em Brasília e que se tornou grande amiga. Chegamos à Vivendo depois do almoço e tivemos a oportunidade de aprender mais sobre essa iniciativa incrível, conversando com a então coordenadora pedagógica, Dianne Prestes, sentados embaixo de uma árvore. Podíamos escutar o canto dos passarinhos que aproveitam as várias árvores do espaço e também ver o movimento de alunos, pais e professores interagindo entre si e andando pelo espaço.

## A HISTÓRIA

Em 1982, aproximadamente trinta pais que não encontravam escolas em que realmente acreditavam para seus filhos começaram a reunir-se para compartilhar angústias e, principalmente, encontrar soluções. No livro *Escrevendo & Aprendendo*, a primeira produção que registra e sistematiza a iniciativa, compartilhou: “na medida em que se chegava à conclusão

de que o início de uma prática teria mesmo de partir do princípio, isto é, de uma pré-escola, houve um natural afastamento daqueles que não seriam atendidos. Isso é compreensível, pois as conversas passavam a girar muito mais em torno de questões imediatas, de como viabilizar concretamente a Pré-Escola”<sup>1</sup>. Ou seja: como não existia a escola dos sonhos, os pais que tinham filhos neste segmento educacional decidiram criar uma.

Essas pessoas formavam um grupo que se reconhecia principalmente pelas participações nas lutas contra a ditadura e pela defesa da cidadania. Eram pais “descontentes com os procedimentos pedagógicos das escolas de seus filhos”<sup>2</sup> que buscavam uma escola que desenvolvesse nas crianças e jovens a capacidade de pensar criticamente, a criatividade, o prazer em aprender, o gosto pelo conhecimento. “Era tudo muito simples. Queríamos crianças aprendendo felizes, queríamos que elas se tornassem seres humanos no sentido pleno”<sup>3</sup>. Essas pessoas tinham muitas críticas aos valores, instituições e comportamentos tradicionais. Daniel Revah, um pesquisador do movimento de educação alternativa, analisou o macroambiente dessas iniciativas no artigo As pré-escolas alternativas: “mais do que uma ‘educação alternativa’, procurava-se gestar uma nova forma de vida, uma ‘vida alternativa’, isto é, um modo de ser e de viver que, pretendia-se, fosse inteiramente diferente do que então predominava. Além das crianças, portanto, os próprios adultos viam-se imersos num processo em que eles estavam se reeducando, avaliando e mudando os seus propósitos, comportamentos e valores, mudanças que, aos poucos, foram quase compondo um estilo de vida”<sup>4</sup>.

Pude ver muito desse modelo de pais quando conheci Fátima Vidal Rodrigues. Natural de Porto Alegre, chegou à Brasília em 2002 e, depois que teve Pedro, iniciou uma árdua busca de escolas para seu primeiro filho. Ela lembrou: “eu cheguei na Vivendo como mãe, não como professora – apesar de eu dar aula desde os 14 anos. A escolha da escola era uma decisão super difícil porque eu não queria uma escola do jeito que conhecia. Minha prática de trabalho já tinha esses dispositivos democráticos. Então quando fui escolher escola para o Pedro, eu queria uma com esses dispositivos que

também se preocupasse com esse modo de ser. Comecei a procurar escola para ele e não encontrava. Daí uma professora de uma escola super tradicional me deu a dica da Vivendo. Fiquei enlouquecida na entrada da escola. Crianças com 3, 4 anos estavam tendo uma aula de circo, com pernas de pau, brincando naquele parque lindo que a Vivendo tem. Daí defini que era esse o lugar”.

Até hoje, mais de trinta anos depois desses primeiros encontros, é possível identificar que pais e professores da Vivendo e Aprendendo continuam buscando maneiras alternativas de ser e estar na sociedade. A iniciativa começou a se tornar realidade em outubro, com dezoito crianças vivendo e aprendendo em um galpão. Dianne me contou, quando conversávamos embaixo de uma árvore da escola: “na época, não havia diferenciação por idade e as salas eram divididas no galpão por panos”.

Depois do primeiro momento, de concretização da iniciativa, os pais perceberam que era preciso estruturar o projeto: “o desenvolvimento das atividades na Pré-Escola em 1982 evidenciou um aspecto importante: se o espaço físico não fosse ampliado, a proposta pedagógica estaria inviabilizada. Foi outro momento decisivo: seriam necessários recursos financeiros para a construção das suas salas. E como consegui-los? Ter-se-ia que determinar a forma jurídica da entidade mantenedora da Pré-Escola. Houve uma sugestão para a constituição de uma Sociedade Limitada, onde uns quatro pais colocariam o capital, sendo então os donos da iniciativa. A maioria dos participantes do grupo preferiu uma forma que garantisse o acesso, participação e decisão igualitária, democrática, decidindo-se, então, por uma sociedade civil sem fins lucrativos, a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo”<sup>5</sup>. É a associação que mantém a escola, mas uma não existe sem a outra. Pais e educadores são associados e têm sua participação associativa baseada na continuidade da história da escola.

Durante a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE 2013), Paulo, um pai que apresentou a escola em uma das mesas da conferência, considerou durante sua palestra: “a Vivendo teve a coragem de se opor ao sistema educacional daquela época - que era

1.	ASSOCIAÇÃO	PRÓ-EDUCAÇÃO	VIVENDO	E	APRENDENDO.	Escrevendo	&	Aprendendo.	Brasília: A Associação, 1999. p. 8.
2.	ASSOCIAÇÃO	PRÓ-EDUCAÇÃO	VIVENDO	E	APRENDENDO.	Escrevendo	&	Aprendendo.	Brasília: A Associação, 2002. p. 7.
3.	ASSOCIAÇÃO	PRÓ-EDUCAÇÃO	VIVENDO	E	APRENDENDO.	Escrevendo	&	Aprendendo.	Brasília: A Associação, 2002. p. 7.
4.	ASSOCIAÇÃO	PRÓ-EDUCAÇÃO	VIVENDO	E	APRENDENDO.	Escrevendo	&	Aprendendo..	Brasília: A Associação, 1999. p.77.

5. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 1999. p. 9.

tecnicista, reducionista, controlador - e também a todas as outras forças que ainda operavam. Eles partiram na construção dessa alternativa, principalmente baseados em respeito e liberdade. Depois de muita busca, diálogo e conspiração, esse grupo encontrou no clube de vizinhança um espaço que o acolheu. Foi cedido um galpão e aquele espaço amplo e arborizado. Esse foi o início da história. As crianças eram vistas como companheiras, e não mais como objeto da Educação. Este grupo tinha a Educação como um elemento primordial na formação do cidadão e da cidadã. (...) A prática da escola formou e forma crianças e adultos que são criadores da sua própria educação. Se naquela época se buscava escapar da repressão do Estado, atualmente os desafios não são menores. As forças do mercado, os valores da competitividade, egoísmo, padronização. A Vivendo continua a reafirmar a cooperação, a liberdade, o ativismo”.

### ASSIM COMO AS DEZOITO CRIANÇAS, A VIVENDO CRESCER

Trinta anos se passaram, o projeto cresceu e amadureceu. Conversando com diversas pessoas envolvidas nessa história e lendo documentos que contam sobre a iniciativa, é muito claro que a essência realmente se mantém. O consenso é de que muita coisa ainda continua como era, principalmente a relação entre educadores e educandos. Na Vivendo e Aprendendo, as crianças realmente fazem parte do processo educativo, têm voz e realizam construções coletivas.

Toda a dinâmica da Vivendo e Aprendendo estimula o desenvolvimento das crianças e busca a formação de indivíduos atuantes na sociedade. A afetividade, a liberdade e as vivências reais são grandes diferenciais quando comparadas com outras iniciativas de Educação tradicional. Dianne apontou para uma criança que estava sozinho e muito tranquilo indo guardar sua mochila de rodinhas, e disse: “aqui a gente não trabalha os valores falando de liberdade, autonomia etc. A gente vive eles. Vocês estão vendo aquela criança ali, que tem dois anos? Ele está indo guardar a mochila dele na sala depois do lanche. Vai escovar os dentes e depois vai voltar para brincar no parque”. Vários outros fizeram o mesmo antes e depois dele. Alguns tropeçavam e caíam de cara no chão. Só um chorou; os outros levantavam e continuavam o caminho.

A Vivendo e Aprendendo é uma das escolas que melhor conseguiu aplicar, na prática, de maneiras simples, seus valores e ideias educacionais. Durante a viagem, busquei encontrar e entender as diferenças entre o discurso e a prática educacional. Muitas vezes, conversava com os gestores escolares e não conseguia ver aquele discurso aplicado no dia a dia da escola. Na Vivendo e Aprendendo, pude ver a minha conversa com a coordenadora aplicada no aprendizado das crianças de maneira bastante

simples. Aqueles valores e conceitos do discurso faziam parte do modo de ser da escola.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Toda a prática da Vivendo e Aprendendo é muito baseada na experiência, mas também em diversos pensadores que auxiliam o entendimento e as ações do cotidiano. Flávia Dutra, que foi psicóloga e associada da Vivendo, contou na edição Escrevendo & Aprendendo de 2002: “a degustação da aventura de aprender é um pressuposto que orienta a prática da VeA. Tal prática tem como efeito colocar o sujeito como centro do seu fazer. A teoria, então, ganha um lugar periférico. Periférico não no sentido de menos importante, mas no sentido daquilo que bordeja o que está no centro, que no caso é o advento do sujeito na sua relação com o saber. Um exemplo disso parece-me ser o fato de que a pré-condição para um profissional ingressar na VeA não é ter essa ou aquela formação teórica; mas sim que possa ver o Sujeito desde um determinado lugar. O que é muito mais uma condição vinculada a uma ética do que uma formação teórica. (...) Costumava-se dizer, quem estava aqui desde o começo, que a Vivendo era muito espontaneísta. Isso não mais é assim, mas deixou impressões de uma relação singular com a teoria: não é a teoria que se aplica, mas a prática que faz com que lancemos mão dela nos momentos de impasse. Recorrendo à teoria como a um terceiro que media um conflito”.<sup>6</sup>

Mesmo com um discurso e, realmente, uma prática cotidiana espontaneísta, a Vivendo e Aprendendo tem suas bases e inspirações teóricas muito claras. O que sempre foi ressaltado nas entrevistas e nos documentos sobre a escola é que não há uma linha do tipo “para essas situações, a gente usa essa teoria”. De acordo com os acontecimentos e de como as relações são tidas, os educadores conseguem resgatar em sua bagagem o conhecimento para transformar o viver das crianças em uma prática educativa. Quando explicava um dos teóricos em que a escola se baseia, Joana Abreu – que foi coordenadora da Vivendo – ressaltou um ponto muito importante: “sabemos que a consciência que o adulto envolvido no

6. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 34.

processo tem da importância e das oportunidades de aprendizado que a brincadeira traz é que transforma tal brincadeira numa experiência escolar, seja ela na área de artes, matemática ou português<sup>7</sup>. Os principais teóricos que baseiam a Vivendo destacam a importância da interação social para o desenvolvimento das crianças. São eles: Henri Wallon, Lev Vygotsky, Jean Piaget e Sigmund Freud.

Wallon ressalta a importância em compreender a experiência da Educação Infantil como um momento de construção da identidade da criança em relação e em oposição ao outro. Como bem explicou Flávia Dutra, no artigo Vivendo a teoria, na segunda edição da Escrevendo & Aprendendo, a Educação para Wallon é “o resultado de elementos sociais, ambientais e psicológicos constantemente interligados e de que a ação educativa não se limita à transmissão de conhecimentos, mas deve atingir toda a personalidade da criança, respeitando e estimulando sua espontaneidade total de ação e de assimilação”<sup>8</sup>. A criança é um ser complexo e deve ser entendido na sua totalidade. Wallon escreveu: “o educador não pode deixar de entender o que é a vida da criança”<sup>9</sup>. O francês defende que as etapas de desenvolvimento infantil são caracterizadas pelos domínios funcionais da afetividade, do ato motor e do conhecimento de si mesmo. Apenas seria possível realmente desenvolvê-los a partir do meio social. Por exemplo: é estando com outras pessoas que a criança começará a diferenciar-se dos outros, a desenvolver a autonomia e descobrir sua originalidade. Para Wallon, o grupo “é o veículo ou o indiciador de práticas sociais”<sup>10</sup>.

Vygotsky também é bastante lembrado na prática da Vivendo e Aprendendo principalmente por sua teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Nela, entende-se que a ZDP é “a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas em colaboração com companheiros mais capazes”<sup>11</sup>. Ou seja, existem aquelas funções que já estão consolidadas e as que têm um potencial a ser desenvolvido a partir da interação social. Neste ponto, Vygotsky ressalta a importância da atividade imitativa da criança. Como Alia Barrios,

psicóloga da associação, escreveu ao analisar a teoria de Vygotsky, o ato de a criança imitar “é um indicador de seu nível de desenvolvimento, pois a criança só conseguirá fazer a ação determinada por imitação porque já tem potencialidades para isto”<sup>12</sup>. E completou, analisando a importância da interação e da cooperação nessa fase de vida: “os espaços de interação e cooperação entre as crianças da mesma e de diferentes faixas etárias são fundamentais no cotidiano da pré-escola, pois é nesses espaços que o outro mais experiente surge como mediador do aprendizado e do desenvolvimento (...). Em termos práticos, ser mediador significa oferecer à criança ‘níveis de ajuda’ na hora de resolver determinados problemas para que, dessa forma, ela possa transpor seu desenvolvimento real e entrar no seu nível de desenvolvimento potencial (...)”<sup>13</sup>.

Partindo desse ponto, a Vivendo e Aprendendo trabalha muito com o lúdico para desenvolver a autonomia, a criatividade, a construção da identidade e a cooperação. Na segunda edição da Escrevendo & Aprendendo, explicou-se: “como atividade social específica, ainda, a brincadeira é partilhada pelas crianças, supondo um sistema de comunicação e interpretação da realidade que vai sendo negociada passo a passo pelos pares, à medida que este se desenrola”<sup>14</sup>. Nesse sentido, Lorena Andrada, na dissertação de mestrado intitulada Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil, retomou um aspecto importante da teoria de Vygotsky: “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes: primeiro no plano social, entre os homens – categoria intersíquica – e depois no plano psicológico – no interior da criança – categoria intrapsíquica” (Vygotsky, 2000). De modo que o que o sujeito internaliza, ressignificando ativamente, foi antes sua relação com o outro”<sup>15</sup>.

Ainda sobre Vygotsky, preciso fazer uma observação bastante importante

7. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 21.

8. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 24.

9. WALLON, 1949/1987, p.286 apud ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p.25.

10. WALLON, 1954/1987, p. 127 apud ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p.27.

11. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 19.

12. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 19.

13. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 19.

14. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 22.

15. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 18.



sobre as escolas que se baseiam neste pensador. Uma das maiores dificuldades dessa linha é a compreensão dos pais e responsáveis que entendem Educação apenas como transmissão de conteúdos. “Mas será que meu filho vai para a escola só para ficar o tempo todo brincando? Ele não vai aprender nada?!” é uma frase muito ouvida pelos educadores. Em outra escola que visitei no Distrito Federal, a coordenadora me contou que havia discutido com uma mãe no dia anterior porque a moça não entendia que estar no jardim brincando com os patos da instituição era uma maneira de desenvolver potencialidades. Quando estive por uma segunda vez em Brasília, também pude ver de perto como a Vivendo e Aprendendo é um espaço criado para as crianças interagirem e se divertirem. Isso ficou bastante claro para mim quando estive na capital federal para a CONANE 2013. Como fiquei hospedado na casa de Fátima, uma das organizadoras da conferência, que era mãe da Luísa – uma “vivendinha” de 4 anos –, pude observar como o processo educativo acontece na casa de Luísa e como ela aproveita o tempo de escola. Na manhã em que fui visitar a Vivendo pela segunda vez, Fátima estava lendo um livro para a filha. No caminho para a escola, Luísa estava escrevendo o nome dos bichinhos de pelúcia em um caderno. Comentei: “Luísa, escreve meu nome? É C-A...” e logo fui interrompido com uma associação bem interessante. Ela disse: “eu sei escrever seu nome. Tenho dois amigos chamados Caio, um da escola e você”. E escreveu certinho meu nome. Na Vivendo, Luísa brincou bastante durante as quatro horas que ficou lá. Ou seja, o processo de aprendizagem mais aparente estava em casa, enquanto na escola estava sendo desenvolvida uma aprendizagem mais indireta, realizada a partir do lúdico e da interação com outras crianças e com os educadores.

Piaget é outro pensador que defende que o desenvolvimento, a construção da mente, se dá no processo de socialização. Quando falava sobre Piaget, a primeira edição de *Escrevendo & Aprendendo* lembrou: “a criança se desenvolve psicologicamente interagindo com os outros e com o ambiente, construindo sua capacidade de fazer reflexão, participando de discussões, e a de discutir, refletindo (discutindo consigo mesma)”<sup>16</sup>. Foi exatamente o que aconteceu com Luísa durante o período que eu a acompanhei num dia de escola. Durante a manhã, ela interagiu com outras crianças, pais e educadores. Em diversos momentos, negociou com esses atores a partir de reflexões e argumentos bastante interessantes. Em um momento, por exemplo, estava conversando com ela e uma mãe perguntou para a Luísa quem eu era. Ela respondeu: “esse é o Caio, meu melhor amigo”, mostrando o sentimento de posse que as crianças dessa

idade geralmente têm. A mãe logo provocou: “ué, mas não é o Lucas o seu melhor amigo?!”. Luísa parou e refletiu, até responder: “é, mas hoje é o dia que o Caio vai embora de Brasília”. O exemplo parece bastante bobo, mas, durante o dia, negociações e reflexões pequenas desse tipo acontecem dezenas de vezes e auxiliam o desenvolvimento de Luísa e de outras crianças.

Freud também é tido como base das práticas da escola: “na Vivendo, propomos formas de a criança sublimar a realização imediata de seus desejos, criando, aprendendo com prazer, expressando-se em sua linguagem sem constrangimentos, brincando, jogando, construindo laços afetivos com seus colegas. Além disso, possibilitamos que a criança conheça e se interesse por formas novas de ver a vida, olhando o professor como um outro que lhe apresenta a forma como os adultos veem o mundo, como foram sendo construídos os saberes aceitos hoje, nas diferentes culturas, quais os códigos de comunicação oral e escrita e os meios de expressão artística, e, especialmente, nos relacionando com a criança de modo a colocar em prática os valores éticos assumidos”<sup>17</sup>. Durante a manhã que estive acompanhando o cotidiano da escola, pude observar algumas vezes as crianças sublimando essa realização imediata dos desejos ao perguntarem se podiam entrar na brincadeira que as outras estavam fazendo. Um garoto de aproximadamente cinco anos me viu com a câmera de foto e logo me perguntou se poderia tirar algumas fotos e, juntos, aprendemos a usar a câmera e conversamos sobre o pai dele, que também tirava fotografias.

Na CONANE, o professor Pablo falou um pouco sobre o modelo pedagógico da Vivendo durante sua apresentação no evento. Explica bem como todas as referências teóricas trazidas neste livro refletem no dia a dia do processo de aprendizagem: “a gente veio de uma estrutura em que a criança é vista como aluno, aquele que não tem luz. E o professor é aquele que professa essa luz. E nós compreendemos a criança como um ser repleto de experiências próprias, de uma individualidade, repleto de potenciais incríveis e desejos que precisam ser preservados, e nenhum professor tem condições de conduzir isso, de depositar isso na criança,

16. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. *Escrevendo & Aprendendo*. Brasília: A Associação, 1998. p. 60.

17. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. *Escrevendo & Aprendendo*. Brasília: A Associação, 1998. p. 59.

porque isso é intransferível. Como o conhecimento se dá, como o desenvolvimento se dá na criança. Nesse sentido, é difícil a Vivendo se situar dentro de uma perspectiva pedagógica ou de uma linha pedagógica que se diz construtivista, sócio-interacionista ou antropológica. A Vivendo se propõe a fazer um diálogo entre todas essas perspectivas para encontrar dentro da sua própria história o que é mais significativo para as crianças no seu desenvolvimento pleno e integral. Nesse sentido, os educadores são mediadores de experiências. Eles possibilitam ferramentas para que as crianças, no seu processo, desenvolvam seu conhecimento e seus potenciais. Essa é uma experiência que dá muito trabalho e, para tal, é fundamental a participação de todos os envolvidos, pais, educadores, funcionários e crianças. Todos precisamos ser abarcados nesse movimento de transformação da sociedade. Para esse movimento de desconstrução de paradigmas da sociedade, nós temos uma estrutura pedagógica que está em constante reflexão do que representa essa estrutura educativa de dentro da escola”.

### O QUE NÃO ESTÁ NA TEORIA, MAS É FUNDAMENTAL

Nessa perspectiva, existem diversos modos de ser presentes na Vivendo e Aprendendo que nem sempre podem ou devem ser explicados com base nas teorias dos livros. Acredito que o incentivo à imaginação e o uso do “não gostei” sejam as duas “não-teorias” mais interessantes de compartilhar.

Na segunda edição de Escrevendo & Aprendendo, contou-se: “nossas crianças adoram brincar de ‘e se...’ (‘agora eu era rei’, ‘e se a gente fosse dinossauros?’), uma versão ‘do jeito delas’ para o método cartesiano: fantasio (simbolizo), logo existo (sou um sujeito). Elas testam possibilidades e isso é muito bom, muito ‘científico’, muito produtivo. Não devemos tentar ‘recheá-las’ internamente com os conteúdos ‘certos’, porque isso lhes ocupa a ‘memória disponível’ (pense num computador) e rouba muito espaço à imaginação. Quando Einstein nos diz que a imaginação é mais importante, ele não quer dizer que o conhecimento é desimportante. Está apenas nos lembrando de que a imaginação tende a ser subestimada (porque é metodologicamente tolerante, dispersiva, democrática, aberta a diferentes alternativas), enquanto o conhecimento chama todas as atenções para si (porque é estruturalmente sectário, compactado, hegemônico, arbitrário). (...) Por tudo isso, ao começarmos a contar às nossas crianças a História do conhecimento, vamos lembrar de fazê-lo, no mínimo, com mais Imaginação”<sup>18</sup>. A Vivendo acredita que a experiência humana deve ser entendida mais como

permanente experimentação do que como verdade adquirida. João Paulo Oliveira, pai ex-associado da Vivendo, defendeu: “vamos apresentar às nossas crianças um mundo ainda em gestação, no qual elas acreditem poder atuar e o qual elas acreditem poder moldar como outros antes de nós e delas fizeram”<sup>19</sup>. Esse incentivo à imaginação também é visto pelos educadores como uma reação “à domesticação que a ditadura”<sup>20</sup> impunha na sociedade.

O “não gostei” é um dos aspectos mais interessantes da Vivendo e Aprendendo. Como já comentei anteriormente, quando alguém faz algo de que a criança não gostou, ela é incentivada a falar “não gostei” e tentar solucionar o conflito a partir do diálogo. Isso é usado em algumas escolas de Educação Infantil, mas o que me impressionou é que na Vivendo é usado de maneira bastante natural. Quando estava saindo da escola em minha primeira visita, vi duas crianças de dois anos brincando no parque. A garota jogou areia no rosto do amigo e, como ambos não tinham a comunicação bem desenvolvida, o próprio educador comentou: “Maria, não joga areia na cara do João porque ele não gostou disso”. Maria parou na hora. Com o desenvolvimento das crianças, o ‘não gostei’ vai ficando cada vez mais elaborado. Na segunda edição da Escrevendo & Aprendendo, uma educadora explicou: “nas séries iniciais, o termo é usado de forma simples e clara. Já nas séries mais adiantadas, a sua estruturação é mais complexa. A criança diz que não gostou, do que não gostou, e propõe outra forma de resolver o problema”<sup>21</sup>.

Lúcia Pulino, ex-coordenadora da Vivendo, também deu seu ponto de vista e explicou a complexidade que está por trás do “não gostei” de uma maneira bem bonita: “o ‘não gostei’ é a nossa ‘palavra mágica’. É a nossa oportunidade de olhar nos olhos só daquela criança, naquele momento, tocar nela, interromper os nossos e os seus atos, o sofrimento da outra criança. É o momento de colocarmos toda nossa energia naquilo que importa mesmo para as pessoas e possibilitar que elas vençam suas difi-

19. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 32.

20. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 32.

21. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 37.

18. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 31.





culdades, enxerguem os limites, tênues, que a distinguem do outro, que cada uma sinta seu próprio corpo, olhe para o corpo do outro, para seus olhos cheios de lágrimas, para sua boca aberta, sugerindo um sentimento ruim, que sai como um som estridente, incomodando a todos, anunciando que algo está fora do lugar.

É o momento de ouvirmos a dor, de vermos o desconforto, de sermos, nós mesmos, menos amados e de nos amarmos menos, porque, de alguma forma, 'permitimos isso', falamos em impedir algo. (...) É o momento de mostrarmos que aquilo que a criança fez não é bom, que nós não gostamos de seu ato, e de propormos um caminho, uma alternativa para ela (...)”<sup>22</sup>.

## ROTINA



Durante as entrevistas e as pesquisas bibliográficas, ouvi e li muito sobre a rotina que é estabelecida na escola. Mas talvez o mais importante de tudo tenha sido a oportunidade de acompanhar uma manhã inteira de Vivendo e Aprendendo. Na segunda vez que estive em Brasília, tive a oportunidade de acompanhar a rotina de uma criança da Vivendo ao estar com a Luísa.

Assim que a Luísa chegou na Vivendo, tirou os sapatos e subiu no alto de uma árvore. As árvores têm um papel de destaque no dia a dia e na história da escola. Nos documentos da escola, há várias memórias de mudas plantadas que viraram árvores e de algumas quedas dos pequenos, que sempre acontecem. Essa foi uma realidade construída logo no início da escola. Gabriel Fettermann, um dos primeiros professores da Vivendo, lembrou das primeiras subidas nas árvores da história da Vivendo e Aprendendo: “desde o início do semestre há um interesse muito grande por uma

22. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 57-58.

determinada árvore cujos troncos são acessíveis a todos os alunos. No começo era proibido subir em árvores, mas nem eu nem as crianças levamos a sério essa proibição e, quando percebemos que os alunos da natação utilizavam as árvores, nós simplesmente ignoramos a nossa distinção e passamos a utilizá-las mais metodicamente. Sempre ao final da aula vamos até a árvore. Para que todos subam, é necessário que um ajude o outro porque nem todos subiam sozinhos. No início subiu um de cada vez, mas observando a grossura dos galhos e suas formas, conquistamos um espaço maior, que resistia a mais alunos. Nesse local, contamos histórias, repartimos um pedaço de bolo que ganhamos, enfim, tornou-se um ponto de encontro com a sala de aula”<sup>23</sup>.

Na hora da entrada (assim como na hora da saída), é comum a presença dos pais. Eles entram na escola, conversam entre si e com as crianças. Leonardo Lacerda, pai de dois ex-alunos da Vivendo, contou: “outra coisa engraçada: no horário de buscar da Vivendo, as crianças não querem ir embora. Enquanto tem luz do sol, as crianças ficam brincando. E os pais interagem também, tanto com as crianças quanto com os outros pais”. Na seção sobre a mudança de escola, veremos justamente um dos momentos mais queridos de Leonardo, como os pais também têm dificuldades de adaptação.

Antes de começarem as atividades do dia, Luísa, que já tinha descido da árvore e ficou brincando pelo espaço da escola, entrou na casinha verde que é sua sala de aula. A primeira atividade do dia é sempre a roda de conversa. Desde sua criação, na Vivendo e Aprendendo o dia começa e termina numa roda. A roda inicial é para as crianças se verem, falarem, contarem novidades. Leonardo considerou: na Vivendo, todos conseguem falar porque é uma roda de dez crianças. Em outras escolas, com o dobro de crianças, se você tiver que esperar dezessete falarem a roda fica muito chata”. Às vezes, algum assunto específico é trabalhado em roda. Dianne contou: “esses momentos são muito importantes, porque além de trabalhar a questão da individualidade — cada um ser visto, esperar sua vez, ser ouvido pelo grupo —, trabalha a questão do coletivo. Do grupo respeitar a pessoa que tá falando, enxergar um coletivo”. Neste dia, o tema principal foi uma briga que duas crianças tiveram no dia anterior.

No mestrado de Lorena Andrada, a roda inicial da Vivendo e Aprendendo é estudada em profundidade. Ela explicou a pesquisa: “a partir do longo período de coleta (sete meses), registramos de forma minuciosa os processos interativos das crianças entre si e com as professoras, focando o desenvolvimento da fala das crianças, das trocas

dialógicas, das negociações de significados, da construção de conhecimento pelas crianças”<sup>24</sup> e justificou a escolha desse momento para analisar o desenvolvimento das crianças por “demonstrarem-se potenciais ao desenvolvimento das trocas dialógicas, comunicativas, momentos intimamente ligados à construção de conhecimento pelas crianças nas interações estabelecidas”<sup>25</sup>.

Na análise, pode ser observado que “o uso de estratégias comunicativas de negociação pelas professoras e crianças contribui para o estabelecimento e a continuidade de diálogos entre elas, e o direcionamento orientador e facilitador das estratégias das professoras demonstra-se fundamental para a construção conjunta de conhecimento pelas crianças e professoras”<sup>26</sup>. Nesse aspecto, identificou-se que as crianças chamavam atenção das professoras a partir de objetos ou situações, “dirigindo-lhes perguntas, iniciando conversas, e não só respondendo às professoras, como geralmente é reconhecido em estudos de interação em sala de aula (Pontecorvo, 2005)”<sup>27</sup>. A partir desse posicionamento das crianças, as professoras usam estratégias comunicativas (espelhamento de confirmação e de oposição, afirmação simples e justificada, perguntas orientadas etc.) que buscam valorizar e entender o raciocínio utilizado pelos educandos e, assim, direcioná-los para a construção autônoma do pensar.

Para encerrar esta observação teórica sobre a atividade de roda inicial, vale apenas citar novamente Andrada, quando a pesquisadora faz um paralelo desses momentos com as teorias de Vygotsky e de outros pensadores: “pôde-se evidenciar, assim, que a atuação das professoras não se limitou à intenção verificacional do domínio de informações pelas crianças, direcionando-se para além do nível de desenvolvimento real delas (Vygotsky, 1998) com a construção de uma zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1998). Atuação que demonstrou funcionar como um

24. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 58.

25. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 58.

26. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 162.

27. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 162.

23. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 1998. p. 21.

scaffolding ou andaime (Bortoni-Ricardo, 2005; Bruner, 1983; Orsolini, 2005; Pontecorvo, 2005), facilitando e ampliando a atuação das crianças, com o auxílio, o retorno atencioso e coerente, a voz e escuta sensíveis<sup>28</sup>.

Depois da roda inicial, as crianças têm uma primeira atividade, que geralmente trabalha a coordenação motora fina a partir de Artes. Em uma outra sala que visitei, as crianças estavam fazendo bonecos de argila, por exemplo. Lorena contou em seu mestrado: “é um momento em que as crianças também são encorajadas a falar o que pensam, a expor os seus interesses, e ampliar os seus conhecimentos sobre os trabalhos desenvolvidos, a contar sobre o produto criado”<sup>29</sup>. Dianne contou: “a gente também trabalha muito com a autoria. As crianças são autoras de todas as coisas que elas fazem aqui. Vocês podem ver os trabalhos na parede, não existe retocar, pintar o céu de azul, a grama de verde. As crianças vão fazer da maneira como elas conseguem, da maneira como elas dão conta, da maneira como elas entendem. A gente acredita que o desenvolvimento da criança não precisa ser o tempo inteiro direcionado por uma ideia adulta. Na Educação, temos a ideia de que o adulto é o detentor do conhecimento. Lógico que o adulto tem mais bagagem, mais vivência, mas isso não pode ser maior e nem passar por cima da vivência das crianças. Isso é fundamental. As crianças aqui são muito felizes. Esse espaço é delas, elas conseguem se reconhecer em cada pedacinho. E elas vão e encontram uns cantos, uns buraquinhos, uns lugares delas”.

Em seguida, elas têm o “Fora”, uma atividade externa que trabalha os grandes movimentos. Os educadores promovem jogos e brincadeiras que aproveitem o espaço da associação. Dianne contou: “muitas vezes uma brincadeira acontece junto com outras salas. A gente divide por idades, mas preza muito a convivências das crianças umas com as outras”. No livro Volta ao mundo em 13 escolas<sup>30</sup>, ao compartilhar a experiência das Escuelas Experimentales, na Província da Terra do Fogo, na Argentina, os autores contaram: “brincar é se conectar com as pessoas e com o espaço de maneira genuína. (...) São as escolas que valorizam as brincadeiras, que as reconhecem como forma de conhecer melhor a si mesmo e ao outro”. Como vimos, a brincadeira e a imaginação são peças fundamentais dentro da Vivendo, sendo ativadores e desenvolvedores de

diversas habilidades e competências naturais e sociais.

Depois do “Fora”, é a hora do lanche. Nessa ocasião, estendem-se grandes toalhas do lado de fora das salas e as crianças de todas as idades lancham e podem trocar e compartilhar o que trouxeram de casa. Dianne falou: “a gente acha muito importante esse movimento de entrar e sair da sala. As crianças se expressam e, muitas vezes, as pequenas não têm a oralidade tão desenvolvida. Então, elas se expressam com o corpo e o corpo está aí para ajudá-las a se desenvolverem”.

Em seguida, os educandos têm uma hora livre de parque, sem atividades direcionadas, conhecida como “Parque”. Crianças de todas as idades brincam e convivem nesse tempo e espaço. Dianne confessou: “a hora de parque é uma das coisas que me encanta na Vivendo”. É nessa hora que as crianças de todas as turmas dividem os brinquedos e as brincadeiras e vão aprendendo a viver ao interagir uns com os outros. A hora do parque também é um momento em que a imaginação das crianças é bastante aproveitada durante as brincadeiras livres. Dois depoimentos mostram muito o modo de ser da Vivendo, principalmente nesse momento do Parque. Um dos mais interessantes é o de Cristiane Fernandes, estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) e estagiária na Vivendo. Ela conheceu a escola porque sempre passava pela Vivendo quando ia para o ponto de ônibus. Ela lembrou: “eu sempre via as crianças tomando banho de mangueira, andando de perna de pau, brincando no parque. E o parque é um lugar grande e com árvores, balanço... Aquilo me deixou apaixonada. Daí eu pensava: ‘nossa, se eu for trabalhar numa escola, essa escola ia ser a Vivendo’. Como eu já estava encantada com essa coisa da Educação Infantil, resolvi fazer Pedagogia”. No primeiro trabalho de faculdade que precisou visitar uma escola, escolheu a Vivendo e já deixou seu currículo. Leonardo, o pai de Gabriel, confirmou a fala de Cristiane, em uma outra conversa: “a liberdade da Vivendo é uma coisa muito legal. Você chega na escola e seu filho está lá no alto da árvore. É muito legal, tem muita liberdade, eles dão muito valor para isso. Tomam banho de mangueira, todos estão de pés descalços. É bem bacana”.

Depois do parque, há uma terceira atividade. No dia em que acompanhei a rotina da Vivendo, houve uma atividade que é conhecida como Vertical, na qual as crianças de todos os ciclos estão juntas. Neste dia, elas se reuniram no galpão da Vivendo – que foi onde a escola começou, no início

28. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 163.

29. ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. p. 55.

30. É possível fazer o download do livro Volta ao mundo em 13 escolas gratuitamente no site [www.educacao.com](http://www.educacao.com).

dos anos 1980 – e construíram bonecos com peças de sucata. Nesse período, também pude observar claramente diversas habilidades sociais sendo desenvolvidas. Uma das educadoras interrompeu uma brincadeira que vários garotos estavam fazendo, que consistia em jogar garrafas de plástico uns nos outros: “por que você está jogando a garrafa nele, Lucas? Pode machucar”. É mais uma situação-detelhe que mostra que o desenvolvimento acontece durante o processo de interação com os outros e de vivência.

O dia é sempre encerrado com uma roda de histórias, que é mais uma oportunidade para as crianças olharem e perceberem umas às outras e também para desenvolver a habilidade de imaginação e associação. No dia em que fiz a visita, um músico visitou a escola, contando várias histórias, cantando e fazendo brincadeiras com as crianças.

### ADAPTAÇÃO PARA OUTROS MODELOS DE ENSINO

No passado, houve um movimento de dois grupos de pais para criar alternativas que continuariam em outros segmentos de ensino o trabalho realizado na Vivendo e Aprendendo. Um grupo optou por criar uma escola de Ensino Fundamental, que não teve continuidade pela dificuldade de manter uma iniciativa educacional; o outro decidiu tentar mudar a estrutura da escola pública. Esse segundo grupo continua ativo, com o Projeto Autonomia<sup>31</sup>, e há um movimento bem forte dentro do grupo que incentiva que educadores que trabalharam na escola se tornem professores da rede pública de ensino para “hackear” o sistema, incluindo educadores que atuam de maneira alternativa dentro do sistema público para impregnar a Educação do Distrito Federal com o modo de ser e as ideologias em que acreditam.

Sem muitas alternativas de Educação semelhantes ao modelo da Vivendo, a escola se preocupa em trabalhar com as crianças do último ciclo de maneira tal que, ao mudarem de escola para cursarem o Ensino Fundamental I, não tenham tantos problemas de adaptação.

Isso evita grandes choques de realidade e modos de ser para os alunos que mudam de escola. Quando o estudante precisa mudar de escola, muitas vezes migra para uma instituição com outra metodologia de ensino e tem dificuldades de adaptação. As crian-

ças da Vivendo geralmente vão para escolas em Brasília com metodologias um pouco semelhantes ou até para escolas tradicionais. Leonardo, que compartilhou conosco o momento agradável que era para ele buscar os filhos na Vivendo, contou também uma das dificuldades que ele mesmo teve em se adaptar à nova escola de seu filho: “quando buscava na outra escola eu brincava também, os outros meninos também brincavam comigo. Na primeira semana de aula, o primeiro que levou uma advertência fui eu, porque a escola entendia que isso era perigoso. Tomei advertência por fazer uma coisa que era a mais prazerosa na Vivendo, a interação de famílias. Na escola tradicional, você não pode correr porque não pode se machucar. Às vezes, ficam tão preocupados com a reação dos pais que a escola deixa de ser feita para as crianças. A preocupação principal é o que os pais estão vendo, não o que os filhos estão sendo”. Gabriel, o filho mais novo de Leonardo, também não se adaptou à nova realidade, segundo o pai, principalmente porque era contestador, se posicionava e também porque adorava andar descalço. Como tinha saído da Vivendo para acompanhar a irmã mais velha que já estava no Ensino Fundamental I, Gabriel teve a oportunidade de voltar novamente para concluir a Vivendo. Leonardo lembrou: “quando ele voltou para a Vivendo e viu todos os colegas descalços, voltou para o grupo dele”.

Na segunda edição de *Escrevendo & Aprendendo*, há uma seção interessante chamada “Ser aluno da Vivendo...”. Nela, alguns ex-alunos contam um pouco sobre suas experiências com a Vivendo e falam sobre a situação de mudança de escola. Um aluno chamado João lembrou do início desse período de transição, já na nova escola: “era uma escola diferente. A gente não era acostumado, aí a gente tirava o sapato para ir no tatame, como a gente fazia na Vivendo. A professora não gostava e pedia para a gente calçar”<sup>32</sup>. Uma educadora da Vivendo que estava na roda de conversa também se lembrou de um episódio que mostra a questão da mudança de instituição: “eu lembro de uma história muito importante que aconteceu com o Diogo quando ele saiu daqui. Ele estava na sala de aula, vendo um álbum, e a professora foi lá e tirou o álbum dele e aí ele virou para a professora e falou assim: tudo bem, professora. Eu sei que

31. Segundo os participantes, “é uma iniciativa interdisciplinar que reúne professores da Universidade de Brasília, estudantes de graduação e pós-graduação, jovens profissionais da educação, pais e educadores de escolas associativistas e da rede pública de Brasília em torno de uma proposta: refletir sobre, desenvolver e sistematizar a teoria e a prática de um fazer educacional que, antes de mais nada, respeite as crianças e ofereça a elas um ambiente de desenvolvimento de sua autonomia, colaboração e solidariedade entre elas”. Saiba mais em [www.romanticos-conspiradores.ning.com/group/projeto-autonomia](http://www.romanticos-conspiradores.ning.com/group/projeto-autonomia)

32. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. *Escrevendo & Aprendendo*. Brasília: A Associação, 2002. p. 48.

eu estou errado, porque eu não estava prestando atenção na aula, mas você também não precisa tirar ele de mim. Porque é meu! Dá para me devolver, por favor? Daí a professora não sabia o que responder”<sup>33</sup>.

Talvez se a professora tivesse usado o “não gostei” com o Diogo ao invés de apenas tirar o álbum dele, o problema já estaria resolvido. Iara, uma outra ex-aluna, lembrou: “eu aprendi aquela coisa do ‘não gostei’. Tudo que a gente não gostava, aqui na Vivendo, a gente não batia. A gente falava que não gostou. Na escola pública, não era assim. A gente não falava ‘não gostei’. Eu falava ‘não gostei’, mas as outras pessoas que não tinham estudado aqui não falavam isso. E era bem diferente”<sup>34</sup>. E uma aluna chamada Cecília também contou: “a gente aprende a respeitar os outros, mas também a não ter medo dos professores. A gente tem o direito de falar que não concorda com alguma coisa”<sup>35</sup>.

As alterações são pequenas, mas já introduzem as crianças num novo modelo. Antes do Ciclo 5, por exemplo, uma única mesa é usada na sala para todo mundo ficar junto. Quando as crianças chegam ao último ciclo, inicia-se o uso da carteira escolar - que pode ser separada, mas ficam todas próximas. Já é uma mudança física perceptível. Os alunos passam a ter mais contato com cadernos. No primeiro semestre, as crianças escrevem no caderno coletivo da horta da escola. No segundo, já existe um caderno individual. Também é feito um trabalho mais sistematizado com os deveres de casa. Dianne explicou: “são tarefas muito contextualizadas. Ano passado chegou uma carta da pirata na sala de aula com um código para elas decifrarem e essa foi a tarefa de casa”. Como podemos observar nas falas dos alunos, as dificuldades de adaptação sempre existirão, mas a proposta é tornar esses desafios menos difíceis e manter a essência desenvolvida durante a Educação Infantil.

## CONCLUSÃO

A Vivendo e Aprendendo tem uma maneira singular de trabalhar o desenvolvimento infantil. Muitas das estratégias educacionais utilizadas no cotidiano da escola são comuns neste segmento, mas é difícil explicitar como elas realmente fazem parte do modo de ser de educadores e educandos. Em minha conversa com Dianne, ela levantou alguns pontos bastante importantes que merecem ser compartilhados na íntegra

porque resumem um pouco desse modo de ser:

“os projetos e as atividades que acontecem dentro e fora de sala são voltados para o interesse das crianças. Existe um olhar muito sensível e atento para ver o que as pessoas gostam, o que elas querem, o que o grupo está pedindo naquele momento. A gente trabalha com os projetos de interesse das crianças. Isso dá uma gama de possibilidades gigantesca.

A gente também trabalha muito com a autoria. As crianças são autoras de todas as coisas que elas fazem aqui. Vocês podem ver os trabalhos na parede, não existe retocar, pintar o céu de azul, a grama de verde. As crianças vão fazer da maneira como elas conseguem, da maneira como elas dão conta, da maneira como elas entendem. A gente acredita que o desenvolvimento da criança não precisa ser o tempo inteiro direcionado por uma ideia adulta. Na Educação temos a ideia de que o adulto é o detentor do conhecimento. Lógico que o adulto tem mais bagagem, mais vivência, mas isso não pode ser maior e nem passar por cima da vivência das crianças. Isso é fundamental. As crianças aqui são muito felizes. Esse espaço é delas, elas conseguem se reconhecer em cada pedacinho. E elas vão e encontram uns cantos, uns buraquinhos, uns lugares delas.

A apropriação do espaço também é muito importante para a gente. Precisamos cuidar dele para nos sentirmos pertencentes a ele. Isso é uma coisa que a gente faz com as crianças e com os pais também. As coisas não podem aparecer magicamente. O trabalho às vezes demora, mas aquilo ali que você fez é seu, faz parte de você”.

A educadora Cristiane lembrou do início de seu envolvimento com a Vivendo e Aprendendo, quando visitou a escola pela primeira vez para um trabalho universitário: “naquele dia, observei uma turma de ciclo cinco, inclusive que a Dianne era a professora. Elas estavam fazendo um projeto de navio pirata e eu fiquei impressionada com o jeito que as crianças se colocavam, negociavam as coisas entre elas e todas com a sua característica, nenhuma queria imitar a outra. Tinha uma coisa de identidade nelas muito forte, uma autonomia impressionante”. E ela complementou de uma maneira que pode ser o encerramento da história desta iniciativa compartilhada neste livro: “acho que é importante você ir lá conhecer, viver aquilo, experimentar. Eu ainda tenho a admiração que tinha quando

33. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 49.

34. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 51.

35. ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 2002. p. 51.

passava pelo parque na volta do outro trabalho. Aquele parque que eu via, vejo hoje todos os dias. Aquilo é o brilho dos meus olhos, é a razão por eu estar na Vivendo e Aprendendo. As crianças buscam o seu eu, querem a sua independência, lutam por elas, pelo respeito com elas, com o mundo. Isso é o grande diferencial da Vivendo”.



## REFE RÊN CIAS

# NOS ÚLTIMOS ANOS,

dediquei parte do meu tempo lendo diversos livros para entender melhor a área de Educação. Depois da viagem, as antigas e novas leituras fizeram ainda mais sentido. Gostaria de compartilhar as referências que foram mais importantes em todo esse processo, explicando brevemente sobre as principais referências e, ao lado, incluirei um selo indicando a qual prática educacional inspiradora essa obra se referencia.

ACIOLI, S. A prática da Educomunicação na Fundação Casa Grande. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), S/D. Disponível em <[www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/8.pdf](http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/8.pdf)>. Acessado em 27/11/2013. [Fundação Casa Grande](#)

ALENCAR, V. Direitos humanos nas ruas da periferia de Salvador. São Paulo: Porvir, 03/06/2013. Disponível em <[www.goo.gl/9NUmgF](http://www.goo.gl/9NUmgF)>. Acessado em 23/03/2014. [Desabafo Social](#)

ALVES, P.H. Educom.rádio: uma política pública em Educomunicação. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. — A tese de doutorado de Patrícia Horta Alves estuda o programa Educom.rádio, que implementou rádios escolares em mais de 450 escolas municipais de São Paulo. O programa trabalhava com Comunicação e Educação dentro da escola, promovendo protagonismo juvenil e dando voz aos jovens estudantes. [Fundação Casa Grande](#)

ANDRADA, L. Interação e construção de conhecimento em situação de roda na Educação Infantil. Brasília: UnB, 2006. — Interessante mestrado que analisa a situação de roda inicial na Educação Infantil tendo como caso de estudo a experiência da Vivendo e Aprendendo. [Vivendo e Aprendendo](#)

ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Bairro-escola: passo a passo. São Paulo: UNICEF, 2011. — O livro aborda o conceito de Bairro-Escola e sistematiza a experiência da Associação Cidade Escola Aprendiz, uma ONG que trabalha para implementar o conceito no bairro da Vila Madalena, em São Paulo. [Bairro-Escola Rio Vermelho](#)

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo & Aprendendo. Brasília: A Associação, 1999. — Primeira revista que documenta a história da Vivendo e Aprendendo a partir de artigos de diversos atores envolvidos



FARO, R. Maior população negra do país é a mais discriminada. Salvador: Portal Bahia 247, 20/11/2013. Disponível em <[www.goo.gl/2xvN6U](http://www.goo.gl/2xvN6U)>. Acessado em 03/03/2014. [Desabafo Social](#)

FGV. Motivos da Evasão Escolar. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>>. Acessado em 27/10/2013. — Pesquisa bastante interessante que levanta os principais motivos da evasão escolar no país e nos estados a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2007. A partir de seus resultados, é possível entender melhor as realidades sociais, econômicas e culturais do Brasil.

FREINET, Célestin. A Educação do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998. — O livro é uma das principais obras quando se estuda Comunicação e Educação. Com uma história de ficção, Freinet conseguiu repassar práticas e valores que trabalhava com seus alunos quando era professor. [Fundação Casa Grande](#)

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2002. — Nesta obra, Paulo Freire faz importantes considerações sobre a responsabilidade e a função do ensinar.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. Educar com a mídia: novos diálogos sobre Educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011. — O livro é um diálogo entre o educador Paulo Freire e o embaixador Sérgio Guimarães sobre diversas questões educativas, principalmente a relação entre mídia e Educação. É um livro pouco conhecido e bastante interessante por ser uma transcrição direta da conversa entre os dois pensadores.

FUNDAÇÃO LEMANN; ITAÚ BBA. Excelência com equidade: as lições das escolas brasileiras que oferecem educação de qualidade a alunos de baixo nível socioeconômico. São Paulo, 2013. Disponível em <[www.goo.gl/4TjxgK](http://www.goo.gl/4TjxgK)>. Acessado em 01/04/2014.

FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Apresentação PDCIS. Disponível em: <[www.fundacaoodebrecht.org.br/PDCIS/Apresentacao](http://www.fundacaoodebrecht.org.br/PDCIS/Apresentacao)>. Acessado em 01/03/2014. [PDCIS](#)

FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Educação Pelo Trabalho v.1. Publicação Institucional da Fundação Odebrecht: Salvador, 2010. — Publicação institucional que registra a história do projeto em matérias que mostram e escutam os diversos atores envolvidos no processo. [PDCIS](#)

FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Educação Pelo Trabalho v.2. Publicação Institucional da Fundação Odebrecht: Salvador, 2010. — Publicação institucional que registra a história do projeto em matérias que mostram e escutam os diversos atores envolvidos no processo. [PDCIS](#)

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Estudos & pesquisas educacionais, n. 1, maio 2010. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2010. — O livro traz sete trabalhos realizados pela área de Estudos da Fundação Victor Civita, entre 2007 e 2009, e oferece um panorama bastante interessante da área educacional sob diversos pontos de vista. Foram publicados trabalhos sobre assuntos e atores fundamentais nas escolas públicas do Brasil (educadores, famílias, gestores escolares e tecnologia na Educação foram os temas principais dos trabalhos).

GIMONET, J. Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS. Petrópolis: Vozes, 2007. [PDCIS](#)

GRAVATÁ, A. [et al.]. Volta ao mundo em 13 escolas. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. — O livro conta sobre 13 iniciativas inovadoras de Educação espalhadas pelo mundo visitadas pelo Coletivo Educação. [Vivendo e Aprendendo](#)

HAYDT, R. Curso de didática geral. São Paulo: Ática, 2006. — Excelente livro para quem quer se aprofundar na área de Pedagogia. Haydt traça um panorama teórico e prático de como realizar a ação didática em uma obra que é realmente um curso sobre o assunto.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Pentecoste. Disponível em: <[www.goo.gl/SBEF6l](http://www.goo.gl/SBEF6l)>. Acessado em 03/03/2014. [PRECE e EEEP Pentecoste](#)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Nova Olinda. Disponível em: <[www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)>. Acessado em 05/03/2014. [Fundação Casa Grande](#)

JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009. — Jenkins analisa como a convergência dos novos meios de comunicação está causando transformações culturais nas sociedades. A convergência de mídias está alterando o modo de produção e de consumo de informações em todo o mundo. É uma obra bastante importante que deve ser levada em conta quando tratamos de Educação, principalmente porque o tema está intrínseco à realidade dos jovens estudantes.

JOSÉ, G. Por uma semente de paz. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. — Livro interessante que conta a história de uma professora que muda a realidade de uma escola na periferia de São Paulo junto com seus alunos. [Desabafo Social Dayse](#)

LÉVY, P. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998. — Em uma de suas principais obras, Lévy aborda como os meios de comunicação impactarão a sociedade com a alteração dos vínculos sociais e a expansão do intercâmbio de conhecimentos.

MAURÍCIO, L. A vertente, caminhada, do Projeto Re(vi)vendo Êxodos em concordância com a visão ecopedagógica. Em fase de elaboração. A ser editado; 2014. [Re\(vi\)vendo Êxodos](#)

MEDEL, C. Projeto político-pedagógico: construção e implementação na escola. Campinas: Autores Associados, 2008. — Um livro muito interessante para entender o que é e como é construído um Projeto Político-Pedagógico na escola de maneira realmente eficaz e democrática.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Texto referência para o debate nacional — Série Mais Educação/Educação Integral. MEC: Brasília, 2009. — Texto-base do MEC

para o debate da Educação Integral nas escolas. [Bairro-Escola Rio Vermelho](#)

MIRANDA, C; BARBOSA, M.; MOISES, T. A aprendizagem em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. Rev. NUFEN [online]. 2011, vol.3, n.1, pp. 17-40. Disponível em <[www.goo.gl/vVKq7t](http://www.goo.gl/vVKq7t)>. Acessado em 11/11/2013. [PRECE e EEEP Pentecoste](#)

MORAN, J. Como ver televisão: leitura crítica dos meios de Comunicação. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. – Moran estuda a relação entre a Comunicação e a Educação a partir da leitura crítica dos conteúdos televisivos.

NIEDERAUER, M. 33% dos universitários são primeiros da família a chegar ao ensino superior. Brasília: Correio Braziliense, 06/11/2012. Disponível em <[www.goo.gl/W45zJs](http://www.goo.gl/W45zJs)>. Acessado em 26/02/2014. Seu Luiz

NORONHA, I. Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri: cotidiano, saberes, fazeres e as interfaces com a Educação patrimonial. João Pessoa: UFPB, 2008. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE, Programa de Pós-Graduação em Educação Popular, Comunicação e Cultura. Disponível em <[www.goo.gl/E2hXCq](http://www.goo.gl/E2hXCq)>. Acessado em 27/11/2013. – Uma das principais teses sobre a Fundação Casa Grande. [Fundação Casa Grande](#)

NORONHA, I. A Educação na cidade: o patrimônio que educa, a instituição que sistematiza. João Pessoa: UFPB, 2008. Disponível em <[www.uv.es/asabranca/encontre/alencar.pdf](http://www.uv.es/asabranca/encontre/alencar.pdf)>. Acessado em 27/11/2013. [Fundação Casa Grande](#)

OLIVEIRA, M. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico. São Paulo: Editora Scipione, 2009. – O livro de Marta Oliveira aborda de maneira simples e profunda a teoria de Vigotsky. [Vivendo e Aprendendo](#)

ONG AÇÃO EDUCATIVA. Que Ensino Médio Queremos?. São Paulo: 2007. Disponível em: <[www.goo.gl/NjSWxY](http://www.goo.gl/NjSWxY)>. Acessado em 27/10/2013. - Desenvolvido pela ONG Ação Educativa, em parceria com cinco escolas estaduais da zona leste da cidade de São Paulo, o objetivo do estudo é produzir reflexões e recomendações para uma proposta de Ensino Médio participativa, que envolva estudantes, professores, familiares e gestores.

PORVIR; POTENCIA VENTURES. Estudo de oportunidades no setor de Educação para negócios focados na população de baixa renda: principais conclusões. Disponível em: <[www.goo.gl/hll7ez](http://www.goo.gl/hll7ez)>. Acessado em 26/09/2013. – Um dos melhores estudos sobre oportunidades no setor de Educação para novos negócios sociais do ano. O trabalho faz uma análise profunda do cenário brasileiro para novas oportunidades empresariais e traça um panorama econômico da área educacional. [Dona Maria](#)

PORTAL FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Apresentação do programa Caminho da Escola. Disponível em <[www.goo.gl/3mEGZ3](http://www.goo.gl/3mEGZ3)>. Acessado em 02/04/2014. Seu Luiz

PRETTO, N.; TOSTA, S. (Orgs.). Do MEB à WEB – O rádio da Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – O livro traça a história da rádio como ferramenta educativa desde o Movimento Educacional de Base (1961) até o uso atual nas web-rádios. [Fundação Casa Grande](#)

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). IDHM Municípios 1991. Disponível em <[www.goo.gl/qTsXxy](http://www.goo.gl/qTsXxy)>. Acessado em 15/03/2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). IDHM Municípios 2010. Disponível em <[www.goo.gl/Jk2CKY](http://www.goo.gl/Jk2CKY)>. Acessado em 15/03/2014.

QUEIROZ, João B. P; COSTA e SILVA, Virginia C; PACHECO, Zuleika (Org). Pedagogia da Alternância: construindo a Educação do Campo. Goiânia: Ed. UCG; Brasília: Ed. Universa, 2006. [PDCIS](#)

RATIER, R.; SALLA, F.. Ser professor: uma escolha de poucos. São Paulo: Portal Nova Escola, S/D. Disponível em <[www.goo.gl/AfoYgF](http://www.goo.gl/AfoYgF)>. Acessado em 29/04/2014. Dona Maria

REDE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO (REDE CEP). Educomunicar: Comunicação, Educação e Participação para uma Educação pública de qualidade. São Paulo: Instituto C&A e Unicel, 2008. Disponível em: <[www.goo.gl/JDqBV](http://www.goo.gl/JDqBV)>. Acessado em 09/11/2013. – A Rede CEP é uma rede de ONGs que trabalham com Comunicação e Educação em vários estados brasileiros. Nos últimos anos, fez uma série de publicações sistematizando conhecimentos e divulgando as iniciativas de cada ONG. Este livro é mais uma publicação nesta linha de trabalho da rede. [Fundação Casa Grande](#)

REDE DESABAFO SOCIAL. Disponível em: <[www.rededesabafosocial.wordpress.com/napontadosdedos/](http://www.rededesabafosocial.wordpress.com/napontadosdedos/)>. Acessado em 07/03/2014. [Desabafo Social](#)

REVISTA BAHIA. João Henrique é o pior prefeito do Brasil pela segunda vez. Disponível em: <[www.goo.gl/okWFt2](http://www.goo.gl/okWFt2)>. Acessado em 17/12/2013. [Colégio Oficina](#)

REY, B. Por trás dos números, s. São Paulo: Portal Revista Educação, agosto/2011. Disponível em <[www.goo.gl/XUIZOA](http://www.goo.gl/XUIZOA)>. Acessado em 22/03/2014.

RIBEIRO, J. A escola itinerante: mediação cultural e cidadania. São Paulo: XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito, 2012. Disponível em: <[www.goo.gl/qyASUS](http://www.goo.gl/qyASUS)>. Acessado em 20/02/2014. [Re\(vi\)endo Êxodos](#)

RODRIGUES, C. Pedagogia da Alternância na Educação Rural. São Paulo: Portal Nova Escola, S/D. Disponível em <[www.goo.gl/ZTkJmk](http://www.goo.gl/ZTkJmk)>. Acessado em 29/04/2014 [PDCIS](#)

ROSEN, L. Rewired: understanding the iGeneration and the way they learn. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010. – Rosen aborda de maneira muito interessante a habilidade das novas gerações de executarem várias tarefas ao mesmo tempo e busca alternativas para educadores e pais incorporarem esse novo modo de aprender às práticas educacionais do século XXI. O livro é resultado de um longo estudo geracional realizado pela equipe de Rosen e traz apontamentos interessantes sobre novas maneiras de se aprender e se ensinar em um texto bastante dinâmico.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2011. – Uma das obras mais importantes de Demerval Saviani, estrutura o pensamento sobre a teoria da pedagogia histórico-crítica, utilizada no Colégio Oficina. [Colégio Oficina](#)

SAYAD, A. Idade Mídia: a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2011. – O livro sistematiza a experiência e conta a história dos 10 anos do curso Idade Mídia, que trabalha com Comunicação e Educação num projeto extra do colégio Bandeirantes, em São Paulo. [Fundação Casa Grande](#)

SEIXAS, C. Educação reinventada: a tecnologia como catalisadora de uma nova escola. São Paulo: 2012. Disponível em [www.bit.ly/edreinventada](http://www.bit.ly/edreinventada) (para iPad) e [www.bit.ly/edreinventadapdf](http://www.bit.ly/edreinventadapdf) (PDF) – Este livro digital é o meu trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Nele, traço um panorama histórico e social sobre a área de Tecnologia Educacional, analiso dois projetos práticos desenvolvidos em colégios particulares de São Paulo e arrisco previsões sobre como será a Educação no futuro, tendo a tecnologia como elemento catalisador de mudanças. Ironicamente, muitas práticas educacionais que conheci pelo Brasil em 2013 já aplicam valores, conceitos e modos de ser no cotidiano educacional sem o auxílio da tecnologia. Isto me fez rever alguns conceitos e fortalecer a visão de que a tecnologia realmente é mais uma ferramenta de auxílio ao processo educativo.

SEIXAS, C. Possibilidades De Melhorias Na Vida Comunitária Via Educomunicação Praticada Por Jovens Do Ensino Médio. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero, 2010. – O objetivo geral deste trabalho de iniciação científica foi verificar se a Educomunicação gera possibilidades de reconstrução do conhecimento e de melhorias na vida comunitária. Metodologicamente, partimos de uma contextualização histórico-sociológica da Educomunicação no Brasil. Com base na literatura, o trabalho estudou o projeto “Agentes Comunitários de Comunicação” que, com o uso da Educomunicação, capacitou jovens de comunidades carentes a desenvolverem em seus bairros oficinas de produção de blogs comunitários com foco em cultura. [Fundação Casa Grande](#)

SHAPIRO, A. Users, not customers: who really determines the success of your business. Penguin, 2011. – O livro fala sobre experiência do usuário. A maioria das equipes desenvolvedoras de produtos e serviços conta com especialistas em experiência do usuário para criar soluções realmente eficazes para quem receberá o produto/serviço. Shapiro fez um livro muito bom ressaltando a necessidade de entender o consumidor como usuário desse produto/serviço, e não ape-

nas como consumidor de informação. Isto é fundamental para o desenvolvimento de metodologias, produtos, serviços e relações dentro da Educação.

SILVA, J. Arte digital: processo artístico-criativo e uso da mídia eletrônica por jovens de comunidades populares de Salvador. Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre. UFBA, 2013. [Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia](#)

Site Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento: [www.cpod.org.br/](http://www.cpod.org.br/) [Seu Luiz](#)

Site Colégio Oficina: [www.colegiooficina.com.br/](http://www.colegiooficina.com.br/) [Colégio Oficina](#)

Site EEEP Alan Pinho Tabosa: [www.eeeppentecoste.blogspot.com.br/](http://www.eeeppentecoste.blogspot.com.br/) [PRECE e EEEP Pentecoste](#)

Site PRECE: [www.prece.ufc.br/](http://www.prece.ufc.br/) [PRECE e EEEP Alan Pinho Tabosa](#)

SOUZA, J. Pedagogia da alternância: uma alternativa consistente de escolarização rural?. 31ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <[www.goo.gl/CF3mFj](http://www.goo.gl/CF3mFj)>. Acessado em 10/12/2013. [PDCIS](#)

TAPSCOTT, D. Grown up digital: how the net generation is changing your world. Nova York: McGraw Hill, 2008. – Livro bastante interessante que estuda essa geração que já nasceu conectada e digital. A obra é o resultado da pesquisa liderada pelo canadense Don Tapscott e das análises que ele fez dos resultados a partir do convívio que tem com seus filhos.

UNESCO. Os Quatro Pilares da Educação: O seu Papel no Desenvolvimento Humano. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <[www.goo.gl/hv8XPD](http://www.goo.gl/hv8XPD)>. Acessado em 25/11/2014. – Documento bastante importante sobre os pilares educacionais levados em conta nas ações da UNESCO.

UNICEF, EDUCARTE E CENTRAL DE PROJETOS. Projetos de Educação, Comunicação & Participação: Perspectivas para Políticas Públicas. Disponível em: <[www.goo.gl/f1tGKa](http://www.goo.gl/f1tGKa)>. Acessado em 09/11/2013. – A Rede CEP é uma rede de ONGs que trabalham com Comunicação e Educação em vários estados brasileiros. Nos últimos anos, a rede fez uma série de publicações sistematizando conhecimentos e divulgando as iniciativas de cada ONG. Este livro é mais uma publicação nesta linha de trabalho da rede. [Fundação Casa Grande](#)

UNICEF; UNDIME. Redes de aprendizagem: boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender. Brasília: UNICEF, 2005. Disponível em <[www.goo.gl/8XPD](http://www.goo.gl/8XPD)>.

[goo.gl/Ru4nvR](http://goo.gl/Ru4nvR)>. Acessado em 22/02/2014. – Uma pesquisa de excelência desenvolvida pela UNICEF e por uma série de parceiros para mapear e sistematizar boas práticas educativas nos municípios brasileiros.

UNICEF; UNDIME. Caminhos do direito de aprender: boas práticas de 26 municípios que melhoraram a qualidade da Educação. Brasília: UNICEF, 2010. Disponível em <[www.goo.gl/LclAOD](http://www.goo.gl/LclAOD)>. Acessado em 22/02/2014. - Outra pesquisa de excelência desenvolvida pela UNICEF e por uma série de parceiros para mapear e sistematizar boas práticas educativas nos municípios brasileiros. O resumo executivo ressalta: “Ao contrário das pesquisas anteriores [como a Redes de aprendizagem: boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender], Caminhos do Direito de Aprender se concentrou no processo. O estudo analisou o trajeto de cada um dos 26 municípios visitados (um de cada estado) em direção a uma Educação de qualidade”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa. Disponível em <[www.goo.gl/a3sCty](http://www.goo.gl/a3sCty)>. Acessado em 12/03/2014. [PRECE e EEEP Pentecoste](#)

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Orientações ao dirigente municipal de Educação: fundamentos, políticas e práticas. São Paulo: Fundação Santilliana, 2012. – Um guia para auxiliar os secretários municipais de Educação de todo o Brasil na execução de seus deveres do cargo. Bastante interessante ver a complexidade do trabalho desse profissional.

VIEIRA, E. Atividade Comunitária e Conscientização: uma investigação a partir dos modos de participação social. 2008, 135p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2008, e JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; HOLUBEC, E. J. Structuring cooperative learning: lesson plans for teachers. Edina, MN: Interaction Book Company, 1987. [PRECE e EEEP Pentecoste](#)

VOLPI, M; PALAZZO, L. Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo. Brasília: UNICEF, 2011. – O livro sistematiza os conhecimentos do projeto homônimo do livro que foi desenvolvido em cinco estados com adolescentes de escolas públicas que trabalharam com as áreas de Comunicação e Educação. O livro é bastante interessante justamente pela sistematização da experiência, contando inclusive com um guia metodológico de sistematização de experiências como esta. [Fundação Casa Grande](#)

WIKIPEDIA. Subúrbio Ferroviário. Disponível em: <[www.goo.gl/1WiZLj](http://www.goo.gl/1WiZLj)>. Acessado em 16/03/2014. [Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia](#)

## DEPOI MEN TOS

“A odisseia de Caio Dib e seu mergulho nas experiências educacionais país afora são, em si, a comprovação das mudanças recentes que ocorreram no Brasil. Mas o material surpreendente que se revela nos dá a dimensão de quanto ainda está por ser explorado e de quanto podemos aprender por meio delas. Sem dúvida, um registro valioso.”

FERNANDO HADDAD FOI MINISTRO DA EDUCAÇÃO (2005-2011)  
E É PREFEITO DE SÃO PAULO (2013-2016).

“Este livro é um On The Road da educação. Ele promete ser aquele famigerado primeiro livro, que no futuro servirá de referência para aquele comentário fácil, ‘ele tinha futuro desde o começo’. O trabalho, ou diversão, de viajar o Brasil inteiro em busca de um Santo Graal pedagógico traz tantos momentos únicos que nem vale enumerar. E eles acontecem nos lugares mais inesperados do Brasil. Na verdade, não. O ‘Caindo’ comprova que o inesperado gosta é de esperar, completamente óbvio, onde ninguém está procurando. Na carreira de comunicação, aprendi que ir para campo conhecer seu público-alvo de perto faz toda a diferença. Em Educação, professor faz cara feia para pedagogo que nunca encarou uma classe. E esse livro é um atalho para você que, como eu, está num momento de vida difícil para sair em uma viagem insólita. Aqui tem muitas lições, provocações e ótimos exemplos para quem quiser ‘Cair no Brasil’. Uma aventura que concretiza o sonho da educação que funciona, um esboço do projeto que pode dar um futuro para o país do futuro. Depoimento bom é curto, então vou concluir, discordando. O Caio diz que é um ‘sonhador’ porque insiste nessa paixão por educação a ponto de sair pelo Brasil atrás de pistas de como melhorar o mundo. Já aqui em São Paulo, por outro lado, vejo o tempo todo jovens, profissionais, jornalistas, discutindo os problemas da educação. Fazer algo para mudar? Nem pensar. Se liga, Caio. Não é você quem está sonhando”,

VICENTE CARRARI É GERENTE COMERCIAL DE PUBLICIDADE  
SETOR DE EDUCAÇÃO - GOOGLE BRASIL

“A tarefa de educar sem conhecer a complexidade do Brasil é inexequível. Um país que mais se parece a um caleidoscópio de etnias, culturas e, sobretudo, desejos. Que miscigenou a raça humana, colocou a criatividade no mais alto dos patamares, mas que segue como uma esfinge no que diz respeito ao crescimento e desenvolvimento. Por isso, conhecer melhor como a rede de espaços educativos realiza sua missão em cada canto é muito importante para quem almeja realizar uma educação de qualidade. A Educação pública melhorou muito nos últimos vinte anos; é justamente isso que constatou Caio Dib quando resolveu ‘cair’ no Brasil e tentar decifrar seus mistérios”.

MAURO DE SALLES AGUIAR É PRESIDENTE DO COLÉGIO BANDEIRANTES

ESSA É UMA VERSÃO

DEMONSTRATIVA DO LIVRO.

GARANTA A VERSÃO COMPLETA EM

[WWW.CAINDONOBASIL.COM.BR/LIVRO](http://WWW.CAINDONOBASIL.COM.BR/LIVRO)